Carlos de Oliveira

CASA NA DUNA

romance

ASSÍRIO & ALVIM

Digitized by the Internet Archive
in 2021 with funding from
Kahle/Austin Foundation

https://archive.org/details/casanadunaromanc0000oliv

C304227366
LIBRARIES NI
WITHDRAWN FROM STOCK
LIBRARIES NI
WITHDRAWN FROM STOCK
LIBRARIES NI
WITHDRAWN FROM STOCK

Obras de Carlos de Oliveira

Carlos de Oliveira

n. 10.8.1921, Belém do Pará (Brasil) — m. 1.7.1981, Lisboa

CASA NA DUNA

Carlos de Oliveira

CASA NA DUNA

romance

ASSÍRIO & ALVIM

Casa na Duna foi publicado pela primeira vez na Coimbra Editora, 1943.
O texto definitivo, que aqui se reproduz, é o da 7.ª ed.,
Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1980.

www.assirio.pt

© ASSÍRIO & ALVIM
RUA PASSOS MANUEL, 67-B, 1150-258 LISBOA
© CARLOS DE OLIVEIRA (2004)

NA CAPA: DESENHO DE CARLOS DE OLIVEIRA

EDIÇÃO 0861, OUTUBRO 2004
ISBN 972-37-0964-3

I

Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres.

Ao fundo dum desses sítios, há uma pequena lagoa que o calor de julho seca. A aldeia chama-se Corrocovo e a lagoa nem sequer tem nome. Quando a água se escoa, a concha gretada está coberta de bunho. As mulheres ceifam-no, estendem-no ao sol, e entrançam esteiras que vão vender às feiras da vila de Corgos.

Mariano Paulo e os amigos descem da quinta, caçam ali os patos bravos, quando o outono os leva de passagem para as terras quentes do sul. O charco espalha sezões nos casebres à borda de água e agasalha as aves para os senhores da aldeia derrubarem a tiro. Aves com frio, caçadas crepusculares.

O Dr. Seabra e o Guimarães vêm de Corgos, a convite de Mariano Paulo. São os únicos amigos que conservou na vila. Os outros foram rareando, desaparecendo pouco a pouco, desde que D. Conceição e o velho Paulo morreram. Sumiu-se o antigo alvoroço do casarão de Corrocovo, o ruído dos serões,

com a gente de Corgos a encher as salas. A vida de Mariano Paulo não pedia grandes festas. Areenta como o chão da quinta. E os amigos deixaram de aparecer, a casa ficou silenciosa.

Só o Dr. Seabra e o Guimarães continuaram fiéis. No outono aparecem de espingarda ao ombro, passam a tarde no casarão e pelo anoitecer metem-se na lagoa.

Canaviais mergulham na água, as enguias revolvem o lodo, sapos e rãs enchem o crepúsculo duma toada constante. Os caçadores esperam, de lama até ao joelho, metidos nas suas botas de cano alto. Tiros. E um restolho aflito de asas, que as descargas mal deixam ouvir.

Mudam de roupa na cabana de Lobisomem, partem com os patos a sangrar nas bolsas de lona. Lobisomem segue-os até à porta, de corpanzil vergado e uma das pernas a arrastar no chão nu da cabana.

Da lagoa vem um cheiro de água que apodrece. Lobisomem senta-se a acariciar a plumagem do pato que os caçadores lhe deram, corre-lhe os dedos vagarosos nas asas macias, sorri misteriosamente como as crianças.

O povoado cresce sobre a duna que há perto de duzentos anos os pinhais começaram a fixar. No alto, a descer para o poente, fica a quinta dos Paulos. A casa tem dois pisos e é ampla e velha. Uma larga alpendrada resguarda-lhe as janelas da chuva, das nortadas. A telha é antiga, canelada, e o tempo enegreceu a caiação. A quinta desdobra-se em leiras de pinhal, vinha, milho, pela gândara dentro.

Mariano Paulo abre a adega e Maria dos Anjos serve a carniça da caça, em grossas malgas, na mesa que Firmino im-

provisou sobre cepos do telheiro. Os amigos de Corgos gostam daquilo assim, à beira dos tonéis. O Guimarães enche a caneca bojuda, vidrada, e diz que o vinho se deve beber ao esguichar da pipa:

— Já que se não pode beber na parra.

Conversam. E emborcam até alta noite, a largas goladas, o vinho espesso de Corrocovo. Hilário vê-o pinchar nos copos, nas canecas. As torneiras gotejam nos alguidares de barro negro. Não percebe onde o pai arranja disposição para aquelas ceias. Maria dos Anjos entra e sai carregada de loiça. Firmino encosta-se a uma dorna. Espera. Lá para as tantas, toca a aparelhar a charrete e ala para Corgos, com o Guimarães e o Dr. Seabra. Pelos postigos gradeados entra o fresco da noite, um vento manso mas carregado de neve. Talvez o patrão se lembre de lhe emprestar o gabão alentejano.

Hilário deixa a adega, sem uma palavra. O Dr. Seabra poisa a mão no ombro de Mariano:

— Estamos velhos para isto.

Só o Guimarães continua a beber. Prova um bagaço especial, gaba-lhe a força e pergunta a idade da aguardente. Mariano responde, cansado. O Dr. Seabra fita-o com apreensão: cansaço apenas? E o Guimarães, saboreando uma última golada, fecha os olhos, reconfortado.

Quando aquele bagaço correu do alambique, ainda Lobisomem era o moiro da quinta. Alto e escuro como um tronco da gândara, pegava na enxada, no machado, carregava o milho das tulhas da quinta, em grandes sacos, para as carroças que esperavam ao portão. O velho Paulo apontava-o à gente da vila que vinha buscar o milho a Corrocovo:

— Um toiro, caramba. Olhem-me para ele.

Lobisomem passava de sacaria ao ombro e os comerciantes, amarelos da escuridão dos armazéns, pasmavam do andar firme daquele bruto, um pouco vergado sob os fardos de chumbo.

As carroças estavam carregadas e, lá fora, os cavalos impacientes escarvavam o chão. Os comerciantes discutiam os últimos pormenores do pagamento e despediam-se apontando o vulto de Lobisomem no telheiro:

— Sim senhor, uma besta de força.

E homens e cavalos, ajoujados de milho, abalavam a caminho dos armazéns de Corgos.

Uma tarde, Firmino foi dar com Lobisomem na adega quase morto. Caíra-lhe uma dorna por cima, quando calcava o mosto do velho Paulo. A perna esquerda era uma massa de carne e ossos esmagados, presa por milagre ao resto do corpo.

Jornaleiros da quinta comentavam o desastre, consternados. Nas feiras, quando os negócios correm mal, há um rumor assim, que entristece os marchantes, os ciganos, os pobres vendedores de tamancos. O velho Paulo apertava as mãos na cabeça:

— Desgraças destas, só na minha casa.

Garotos olhavam, agarrados às saias das mães, cheios de medo. Lobisomem gemia, num murmúrio infantil. Escorria mosto e sangue: metade terra, outra metade homem.

II

Os Paulos, um após outro, tinham conseguido alargar a quinta, leira sobre leira, num tempo em que os camponeses trocavam a terra a canecas de vinho.

Corrocovo via a fazenda acumular-se, a quinta alastrar sobre os pequenos campos vizinhos. Os homens entregavam a terra vendida e começavam a cavá-la por conta alheia, ganhando a jorna certa dos patrões. Era mais seguro que o rendimento duvidoso duma nesga de chão, sujeito à razia das chuvas e do sol.

A quinta cresceu, abocanhando tudo: pinhal, searas e poisios. O velho Paulo consertou o casarão, pôs-lhe vigamentos firmes e assentou um andar novo sobre as paredes térreas. Trouxe amigos da vila e, aos domingos, o povo ficava cá em baixo a olhar as janelas iluminadas pela noite fora. Vinham as famílias dos comerciantes de Corgos, do Dr. Juiz, do Guimarães, do Pina. Aparecia de vez em quando o Dr. Seabra, um médico novo, folgazão. Mariano Paulo simpatizou com ele e fizeram-se amigos.

Saíam em grandes estúrdias à cidade, usando e abusando de mulheres, vinho do Porto, jogo. Corriam as feiras, os arraiais da gândara, com meia dúzia de jornaleiros fiéis, beliscando

as raparigas, armando zaragatas, comendo o leitão assado sob as latadas das tabernas.

Voltavam aos serões de Corrocovo e dançavam com as meninas da vila. Mariano Paulo deixava-se enlear nos olhos amendoados da Conceição Pina. Falava-lhe de coisas com segundo sentido e ela corava, enquanto o tocador de harmónio dobava a sua meada de valsas e mazurcas; corava e descorava, sentindo o braço de Mariano na cintura; mas de súbito os olhos algarvios, uma herança materna, tornavam-se mais vagos e ela sorria, duma certa distância:

— É melhor descansarmos um pouco.

Mariano passava o resto da noite a contemplá-la de longe, com o cigarro apagado na boca.

A gente moça dançava; as senhoras falavam dos namoros das filhas; os homens, de política, negócios e, mais baixo, de certas damas da cidade; o velho Paulo, o Dr. Juiz, o delegado e o Pina jogavam a sueca. O Dr. Seabra, encostado a um canto, via Mariano sozinho e aproximava-se:

— Não posso mais com isto. Adormeço.

Desciam à adega, assavam chouriços no fogareiro, fumavam e bebiam. De cima, vinha o rumor da música, da dança, das conversas. Mariano pensava em Conceição e fazia confidências ao amigo:

— A rapariga deu-me volta à cabeça. Deve ser aquele sangue do sul. Não se admire de me ver casado um dia destes.

O Dr. Seabra gracejava:

— É lá consigo. Mas há formas mais fáceis de suicídio.

Entretanto, continuavam a sair pelas feiras. Dias grandes, com o gado a mugir e a levantar a espessa poeira dos largos;

as moças em ranchos; o sol de chapa nas barracas, nas reses, nas pessoas; a sede a apertar e o vinho fresco ao fundo das tabernas.

Tinham ido a S. Caetano a pé, encurtando o caminho através do mato. O verão ardia como um forno de cal. A feira estava no auge; respirava-se a custo; era a força do dia.

O Dr. Seabra viu a rapariga da blusa encarnada com os bois pela soga:

— É preciso cuidado. Os bichos gostam de marrar no vermelho.

E foi estendendo a mão:

— A blusa é de seda? Pode-se apalpar?

A rapariga nem pestanejou:

— Apalpe a que o pariu.

— Que diabo. Só queria apalpar a blusa.

O rapaz moreno, que descascava uma vergasta com a navalha, aproximou-se. Mariano Paulo preveniu:

— Atenção, doutor. Esse fulano aciganado.

E voltou-se para os homens que tinha trazido de Corrocovo. Lá estavam eles, de cacete na mão, decididos a tudo. Bebiam e comiam por conta de Mariano Paulo. E como, nestes casos, o ódio entre as aldeias também pesa, não pensariam duas vezes para entrar em acção. No entanto, Mariano contou-os e segredou ao amigo:

— Somos oito. É melhor ir andando.

— Está bem, mas devagar.

Cercava-os cada vez mais gente. O rapaz moreno atirara a vergasta fora e afagava a lâmina da navalha. Um homenzinho

gordo, aos saltos para ver alguma coisa, explicava a questão a uma mulher ainda mais baixa do que ele:

— É essa corja dos fidalgos a implicar com a rapariga.

O Dr. Seabra, Mariano e os seus homens retiravam por entre o povo. O rapaz moreno seguia-os passo a passo. Havia enxadas no ar, insultos, punhos ameaçadores. Mariano Paulo gritou:

— Abrir alas, quem tem amor à pele.

O rapaz moreno decidiu-se por fim, a navalha relampejou. O Dr. Seabra esquivou o golpe e o rapaz caiu no meio dos caceteiros de Corrocovo. O povo lançou-se no tumulto, às cegas. Homens de cabeça rachada saíam a limpar o sangue dos olhos e atiravam-se outra vez ao barulho.

Então, o gado espantou-se e começou a varrer a feira de lado a lado. Os bois investiam, desfazendo ajuntamentos, desmantelando as barracas, colhendo a multidão a torto e a direito, e foi preciso abandonar uma luta por outra: dominar os bichos pelos cornos, pôr um pouco de ordem na feira. Mariano Paulo, o Dr. Seabra e a gente de Corrocovo aproveitaram para se escapar na direcção dos pinhais sem feridos de monta.

Mas no largo o rapaz moreno ficara estendido, meio morto. Escorria-lhe o sangue duma larga brecha na cabeça e tinha os dois braços partidos.

III

Mariano Paulo meteu-se no sossego da quinta. Corria a propriedade até às vedações de cana, não passava dali. Pensava seriamente em casar, trocar as feiras, as mulheres da cidade, o jogo, pelos olhos da Conceição Pina; conhecer a fundo aquele sangue do sul. O velho Paulo, mal disposto com a história de S. Caetano, resolvera intervir:

— É tempo de escolheres outra vida. O Seabra não vai por bom caminho e tu...

— Deixe o Seabra em paz. Maior, revacinado e com barba na cara, assumo a responsabilidade do que faço. Mas o pai tem razão, devo mudar de vida, e julgo que o melhor é casar-me.

— Não te exijo tanto.

— Descanse. É de livre vontade. Talvez a Conceição me sirva. Se estiver de acordo, fale ao Pina, peça-lhe a filha em casamento.

Os patos bravos, de passagem para o sul, começavam a poisar com o outono na lagoa de Corrocovo. Mariano descia a aldeia pelo anoitecer, de caçadeira ao ombro, matava as aves brancas de encontro ao céu que escurecia.

O velho Paulo concordara com a ideia do filho e fora a Corgos fazer o pedido. Mariano descalçou as botas de caça e, impaciente, subiu à sala a interrogar o pai:

— Que tal, o Pina?

— Recebeu a proposta com as duas mãos, para não dizer com as quatro: o Mariano, sim senhor, óptimo rapaz; é uma honra para nós, amigo Paulo. Não trazia cá a filha para outra coisa. Toda essa cambada da vila te queria apanhar.

— E ela?

— Calada, mas derretida. Agora, vai lá tu falar-lhes e combinem isso em pormenor. A cerimónia em Corgos, se quiserem, mas a boda aqui. Faço questão.

Deixou-se cair numa cadeira, exagerando a viagem:

— Irra, que estopada.

Mariano Paulo abandonou a caça e apareceu na vila. Visitou os Pinas, combinando o casamento para os fins de novembro. Chamou Conceição à parte e disse-lhe que já tinha escolhido padrinho. Ia dali falar ao Dr. Seabra. Ela sempre foi lembrando:

— Não gostam dele, cá em casa. E eu, Mariano, para ser sincera, tenho medo que o Dr. Seabra o arraste de novo para histórias como a de S. Caetano.

— Ninguém me arrastou para coisa nenhuma. Já não uso calções. E o que lá vai, lá vai. Põe-se uma pedra no passado e vida nova.

— É uma promessa?

— Claro. E saiba que o Dr. Seabra não é tão feio como o pintam.

— Nesse caso, está bem.

Mariano encontrou o médico no consultório, fez-lhe o convite e o outro preveniu-o:

— Olhe que os Pinas julgam-me o diabo em carne e osso. Veja lá.

— Falei à Conceição e ela concorda.

— Conte comigo, então.

A noiva apressava o enxoval. Mariano passava os dias junto dela e ao entardecer atravessava a vila de charrete em direcção a Corrocovo. O cavalo a trote na estrada ladeada de pinhais. Anoitecia rapidamente. Conceição ficara em Corgos às voltas com tecidos, rendas, costureiras. Mariano suspirava. Que tempo demoraria ainda aquela trapalhada? Conceição sorria de semelhante fúria, mas ele tinha realmente pressa. Deixava a casa dos Pinas sôfrego, inquieto.

A mesa grande que o velho Paulo mandara erguer na sala de jantar ficou pronta aguardando os oitenta convidados. As moças da quinta engalanaram o portão com arcos de buxo e palmas para receber a senhora.

A véspera do casamento gastou-a Mariano a ordenar papéis, a rasgar algumas cartas inconvenientes: namoricos, amantes. Deitou-se tarde e dormiu pouco. Mal acordou, abriu a janela de par em par à manhã chuvosa, enevoada. Na quinta não se via um trabalhador. O velho Paulo dispensara o pessoal mas pagava a jorna. Novembro ia no fim, carregado duma neblina turva que rasava a terra dias inteiros.

Lavou-se, vestiu-se devagar. Tomou café, sentou-se à espera do Dr. Seabra. Fumava cigarros uns atrás dos outros; pensava, irritado:

— Eu é que pareço a noiva. Francamente.

O velho Paulo veio receber o Dr. Seabra à porta da rua:

— Suba, tente serená-lo.

O médico entrou no quarto do amigo e puxou do relógio:

— São horas, Mariano. Vamos lá a Corgos buscar essa princesa.

Saíram com o velho Paulo. O dia continuava triste. O orvalho e a neblina gotejavam das palmas entrançadas no portão da quinta.

IV

A chuva, em grossas bátegas, derreava o telhado. Firmino consertava os rombos por onde o inverno entrava, mas a água e o vento tornavam a abri-los, ainda maiores.

A lagoa crescera um metro sobre o bunho e invadia, às golfadas, os casebres de Corrocovo. Corrocovo era isto: tocas sem lume, devassadas pelo temporal; crianças quase mortas de frio; os campos alagados; o céu tão baixo que parecia poisar na rama dos pinheiros; chuva insistente, noite e dia.

O Natal passou; Jesus nasceu por aquele tempo desabrido; e o dilúvio continuou a cair.

O velho Paulo, por trás da vidraça, olhava a quinta. Via a terra fartar-se de água, ganhar força para rebentar na primavera. A chuva desceria pelo chão permeável, revolveria a areia até encontrar uma camada mais densa que a fizesse parar e ali ficava à espera das raízes ávidas que a procuravam. O velho Paulo agradecia a Deus aquela água que era sangue a correr no corpo das suas terras. Os camponeses ansiavam pelo tempo descoberto em que pudessem retomar o trabalho na quinta, ganhar o dia por inteiro.

D. Conceição passava as horas estendida numa cadeira de braços. Quase não falava. E aquele silêncio, aquela lassidão,

traziam Mariano Paulo inquieto. Os serões tinham acabado. Ela própria pedira ao marido que não convidasse a gente de Corgos por enquanto.

— E os teus pais?

— Mais tarde. Temos muito tempo.

Só o Dr. Seabra aparecia de vez em quando, numa aberta do tempo; brincava com as apreensões do amigo; agarrava-o por um braço e, depois, no desvão da janela, tentava sossegá-lo:

— Nada de cuidado. Trouxe de Corgos uns fortificantes e o estado geral vai melhorar. É um corpo novo que anda ali dentro a alimentar-se, a enfraquecer a mãe. Um parasita. Compreende? Temos de matar-lhe a fome. Iodo, cálcio, etc. Deixe andar.

E mudava de assunto, falava do rigor do inverno. O velho Paulo surgia do escritório e dava a sua opinião:

— Por um lado é bom, por outro é mau. Ressuscita-me as terras, cada gota que cai vale bem um poceiro de estrume. É certo que o vento me esgalha as laranjeiras, me põe os frutos a apodrecer no chão. Não sei. Pensando duas vezes, talvez seja preferível que chova.

O Dr. Seabra apontava a aldeia a escorregar pela duna, a mergulhar lá em baixo na lagoa:

— Esses vêem as coisas doutro modo. Poucos têm terras. O inverno, para eles, é a falta de trabalho e a falta de trabalho é a fome, a doença. Para não falar das casas encharcadas, das crianças mortas.

Suspendia o discurso e acrescentava num sorriso:

— Desculpem, mas às vezes dá-me para o sentimento. Você, Mariano, coração ao alto. A D. Conceição está bem, na

gravidez tudo aquilo é vulgar. Dê-lhe os meus cumprimentos. E venha a chuva que quiser, amigo Paulo. O que é preciso é o vinho forte.

Acompanhavam-no à porta, ficavam a vê-lo montar o cavalo e sumir-se a trote nos pinhais. O velho Paulo concedia:

— Ao fim e ao cabo, não é má pessoa.

O inverno durou ainda um mês. Abril trouxe, por fim, os dias claros. As serras apareciam ao longe, aéreas, numa cor de pérola, a primavera explodia nas árvores nuas com a força dum toiro, as aves rasgavam o ar mais leve das manhãs. Os trabalhadores começaram a cavar o chão da quinta, a lançar de novo as sementes à terra dos Paulos.

E ao ritmo desses gestos lentos e antigos os anos foram passando sobre Corrocovo.

V

Mariano Paulo olhou a locomotiva que chegava entre silvos e rolos de fumo. A gare cheirava a óleo, a carvão queimado. Viajantes apressados desciam das carruagens; o pessoal da estação passava com as suas fardas escuras; operários, de ganga, atravessavam a linha; corretores de boné agaloado ofereciam os hotéis da cidade. As férias grandes tinham acabado e Mariano Paulo viera trazer Hilário ao colégio de S. Pedro. Acertou o relógio pelo da estação e entrou na carruagem. A máquina arquejava, o sol da meia tarde ardia nos vidros da enorme marquise. Sinais, a bandeira vermelha descendo, um grito de partida, e o comboio largou pelos campos do rio, já tocados de outono.

S. Pedro era um convento salitroso, expropriado durante o liberalismo. As portas, largas e altas, dir-se-iam feitas para gigantes. Hilário detestava S. Pedro, a alegria dos colegas nos corredores lajeados, as brincadeiras violentas do recreio. Odiava os companheiros que o crivavam de alcunhas. Um vigor selvagem tumultuava no claustro do colégio e ele, frágil, tristonho, recolhia-se a um canto. Pensava em Corrocovo, na grande moldura oval do retrato da mãe, no Guimarães e no Dr. Seabra, nos serões da quinta, com o pai sempre calado, a fumar, de

olhos fitos no lume, e Palmira a arear os talheres, a arrumar a cozinha. Via sobretudo o avô, de bengala em punho, vagueando pelo casarão à procura de Mariano Paulo:

— Tu e esse malandro do Firmino. Dois ladrões. Mas de hoje em diante quem toma conta disto sou eu. Quem vende o milho e o vinho, quem paga ao pessoal. Veremos se há lucros ou não há.

O pai, com os olhos quase fechados para ocultar as lágrimas, murmurava:

— O teu avô está velho, doente. Não faças caso do que ele diz.

Recordava a noite espantosa em que chegavam ao seu quarto os gritos do velho a morrer; a voz contida do Dr. Seabra, os padre-nossos de Palmira no corredor; e, quando o avô se calava, um silêncio pior que as pragas e os soluços. A tremer de medo, puxava a roupa sobre a cabeça para não ouvir.

Agora, o rumor da cidade era tão leve que podia sentir-se uma folha de árvore cair. S. Pedro adormecia. Na camarata, a escuridão tomava forma, adensava-se aos cantos, erguia-se, roçava-lhe a cara. Reconhecia então a figura curvada do avô pelas salas de Corrocovo, amaldiçoando tudo, enquanto a morte crescia da noite e lhe tapava a boca. Suava, a camisola de lã pegava-se-lhe ao corpo. Apertava as pálpebras com força até ver surgir o retrato da mãe. Ou a madrugada o sossegar.

Ansiava pelas férias. De regresso à quinta, encontrava a amizade silenciosa do pai, a figura seca de Palmira. Mas o Dr. Seabra aparecia, apontava-lhe as terras lavradas, explicava-lhe a vida dos bichos, das plantas.

Era capaz de o ouvir horas a fio. Às vezes perguntava:

— De que morreu a mãe?

— Morreu. Não se fala mais nisso. Vês aquelas videiras?

E o médico contava-lhe a história dum bago de uva, desde que o sol o aveludava até poisar sobre o linho da mesa, junto do pão do forno: uma gota de vinho cor das últimas parras, entre roxo e oiro.

Mariano Paulo ponderava os conselhos do Dr. Seabra:

— Tire o pequeno do colégio. Traga-o para a quinta, ponha-o a crestar, a comer bem.

— Não o tenho longe por gosto.

— Eu sei, mas o rapaz é fraco, ensimesmado, e precisa de ar livre.

Palmira vinha anunciar a ceia. O Dr. Seabra queria partir, levantara-se às sete da manhã, cavalgara o dia inteiro, o tifo nas aldeias, o inferno, e apetecia-lhe um pouco de descanso.

— Pois é pena, doutor. Temos leitão de cabidela.

— Leitão de cabidela? Bem, não estou tão cansado como isso.

Comiam. E o médico estendia o garfo na direcção de Hilário:

— Para que precisa ele dum curso? Para se meter aqui, a dirigir a quinta, quando você morrer?

Mariano Paulo ia cedendo:

— Talvez tenha razão.

Cortava a cinza do cigarro na borda do prato:

— Estou a pagar caro certas cabeçadas antigas. É o que é. Tudo o que podia dar-me algum consolo me escapa entre os dedos.

E num vago sorriso:

— Trate do pequeno, entrego-lho. Bem preciso duma réstia de sol nesta casa.

Palmira levantava os pratos, trazia o café. Hilário deixava tombar sobre a mesa a cabeça pesada de sono.

S. Pedro começava a ser uma recordação. Mas continuava a doer. Como um fruto azedo que se trincou e amarga ainda.

VI

No casarão da quinta falava-se pouco. Mariano Paulo comia à pressa e saía para dar as indicações do serviço a Firmino. Uma vez por outra, mandava aparelhar a charrete e aparecia na vila a tratar de negócios. Hilário ficava só com Palmira. A criada fazia o seu trabalho, muda, vagarosa. Sentia-se abandonado. Olhava as grandes salas coalhadas de penumbra, os móveis velhos e escuros. Palmira deslizava como uma sombra. O pai, lá por fora, só chegaria para a ceia.

Descia à quinta. Os trabalhadores, curvados sobre a terra, mal davam por ele. Firmino chamava-o. Fingia não ouvir e procurava o silêncio dos pinhais. As ramarias quietas tinham um ar de mistério. Imaginava-se então perdido numa floresta enorme, com feras a armar o salto por trás dos troncos. O calor adormecia as aves no cume dos pinheiros. Que fascínio nessa ilha perdida, onde o naufrágio o atirara. Que mar fantástico lhe despedaçara o veleiro do corso. Capitão de piratas, com a tripulação afogada, o barco desmantelado nos rochedos da costa, meio submerso. Como nos livros folheados às escondidas em S. Pedro.

Sentava-se na areia, deslumbrado. Um sonho tumultuoso arfava-lhe no peito. Bosques dormentes e terríveis. Longe do

colégio, de Corrocovo, do presente. Navegador e aventureiro, buscando a imagem do retrato oval, fundeando em recôncavos de águas paradas e sombrias. Animais estranhos; maravilhas; ramadas de árvores como braços de gigantes enlaçados nas veredas talhadas à beira dos abismos; aves desconhecidas, pelos céus de tempestade, derrubando os mastros, rasgando as velas nos bicos formidáveis; enseadas tranquilas, com areias alvas ao fundo e peixes cintilantes sobre as folhas das algas; mais adiante, monstros do oceano encapelando as ondas, barbatanas longas, aceradas; revoltas da marinhagem; escolhos, relâmpagos, medusas. Cada vez mais perto da imagem que o esperava, encantada, ao fim dos perigos. No cimo das rochas, o castelo, a treva, manchas gradeadas de luz desenhando as janelas dos torreões. A escalada dos penedos, num silêncio terrível. As trovoadas iminentes, as fauces dos dragões, a língua das serpentes verdes, nada disso importava. Chegaria. E as mãos sangravam-lhe nas arestas de pedra, o corpo erguia-se todo num último esforço.

Vinham as trindades chamá-lo à realidade. Anoitecia. O medo de que a escuridão o surpreendesse nos pinhais apressava-lhe o passo. Os camponeses tinham já largado o trabalho. Deitava a correr, chegava exausto ao casarão.

No quarto ouvia-se o rumor dos ratos, do caruncho. Palmira entrava com a jarra de água para a noite, poisava-a na mesinha de cabeceira sobre o naperon.

— Palmira.

— Menino.

— A mãe está parecida no retrato da sala?

— Está.

E apagava-lhe o candeeiro de petróleo.

VII

As mulheres que trabalhavam na quinta ou vinham trazer a merenda aos jornaleiros, grávidas, com os garotos pela mão, faziam-na sonhar. Imaginava-se como elas: prenha; depois, um filho ao colo, um braço protector em torno dos ombros e o sorriso forte dum homem a fitar a criança. As mulheres passavam, de barriga crescida; Palmira olhava-as e tornava-se ainda mais silenciosa.

Arrecadava os ordenados dos meses que corriam, infindáveis, uns atrás dos outros. Quando amontoava dinheiro bastante, ia à feira de Corgos, às barracas dos ourives. Firmino gracejava:

— Tanto oiro. Para o deixar a quem?

— Meta o nariz na sua vida.

— Case-se, mulher. Engorda, passa-lhe o mau génio, arranja herdeiros. Com o baú cheio de oiro, não lhe faltam homens. É o que tem a fazer.

E foi. Luciano Taipa, jornaleiro da quinta, averiguou ao certo as libras e os cordões do baú, começou o namoro, e um dia Palmira pediu a Mariano Paulo que arranjasse criada:

— Vou sair.

— Sair, porquê? Pouco ordenado?

Ela tremia, de olhos baixos:

— Não se trata disso.

— Então?

Enrodilhava as mãos no avental:

— Tenho de me ir embora. Tenho...

E por fim decidiu-se:

— Vou-me casar. Com o Luciano Taipa.

Hilário viu-a partir desinteressado. Fria e distante, passara anos entre aquelas paredes sem se fazer amar. Sobre a infância de Hilário, a sua figura pairava escuramente.

Casar naquela idade. O Taipa gostava lá de tal mulher. Cheira-lhe a dinheiro, claro, e ela deixa-se enredar. Sejam felizes.

Palmira veio despedir-se. Abraçou-se a ele, desolada:

— Meu menino. Meu rico menino. Nunca mais o vejo.

Mariano Paulo interveio:

— Qual nunca mais o vê. Vai para o Brasil? Não vai. Nesta casa ninguém lhe fecha as portas. Apareça quando quiser.

Palmira pegou no baú de lata e no saco de roupa que tinha ao lado. Enxugou os olhos:

— Desculpem, mas vivi muito tempo aqui. Habituei-me. E partir sempre custa.

Mariano Paulo fez um gesto vago:

— Ninguém a pôs na rua.

Ao fundo da sala, Palmira voltou-se ainda. Ia para dizer qualquer coisa, mas encolheu os ombros, como se não valesse a pena, e saiu.

VIII

No alto, um milhafre ronda os quintais, com as grandes asas imóveis. Lobisomem finca o cacete no caminho e pára um pouco, a olhar. Depois, a ave passa sobre os pinhais, projecta uma sombra rápida na água da lagoa, volteia sobre Corrocovo e some-se no céu de um azul muito aberto.

Lobisomem retoma a marcha, arrastando a perna aleijada na poeira. A aldeia dorme; o dia é quente; garotos chafurdam nas estrumeiras, de mistura com galinhas e bácoros; sol; um mendigo a cair de sono pelos umbrais das portas. O povo anda nos campos, no bunho da lagoa, nos poços.

Lobisomem sobe a ladeira, penosamente, em direcção à quinta. Ao cimo da duna, o casarão tem as janelas fechadas. O carro de bois que vai à sua frente passa o largo portão. Antigamente, sim. Carros com pesadas dornas a tentar subir a rampa e o velho Paulo a chamá-lo:

— Dá uma ajuda a esses bois. Não atam nem desatam.

Fincava o ombro na traseira do carro e quase ao rés da terra suportava dornas, tudo, nos ossos de pedra; os bois, aguilhoados, galgavam a rampa. Erguia-se suado, limpava o pó dos joelhos. O velho Paulo sorria e ele ficava à espera do elogio:

— Toiros, ao pé de ti, são ratos.

Enfim, recordações. Compõe os alforges e segue atrás do carro. A adega, à esquerda, salta logo à vista de quem entra. Os postigos gradeados de ferro como uma prisão. Lobisomem estremece. Lembra a tarde em que os companheiros da quinta lhe tiraram a dorna de cima: a vasilha enorme a desabar, a pedra dos ossos britada.

Maria dos Anjos sente-lhe os passos no alpendre. Vem esperá-lo à porta. Lobisomem leva a mão ao chapéu surrado e ela imita-lhe o gesto. Fita-a com ar apreensivo.

— Esfregue essas ventas, diz a rapariga. Pegue numa telha, em sal, e raspe como se faz aos porcos.

Deus me dê paciência. Trazer a cara suja ou lavada tanto faz. Mas fecha os olhos com resignação e inventa uma desculpa:

— Lavei-me ontem de manhã na lagoa.

Sabe que Maria dos Anjos não acredita. Ouve-lhe a troça, as gargalhadas, e acha melhor desviar a conversa. Principia a falar de Palmira:

— Não torna a haver outra como ela. Mal eu chegava, era o caldo e a broa na mesa, eram bons modos, era um copo de tinto. Ou dois, ou três. O que eu quisesse.

Abana docemente a cabeça:

— Tu, já se vê, tens um lugar guardado no inferno. Hei-de rezar por ti.

Maria dos Anjos continua a rir:

— Quem está no céu é a Palmira. Casou-se, Lobisomem.

Entra na cozinha. Volta pouco depois com um prato cheio de caldo e poisa-lho na mesa do alpendre. Lobisomem dá um estalo com a língua:

— Se houvesse um copo também ia. Sopa sem vinho é domingo sem missa. Nunca ouviste dizer?

Segura o prato, murmura de olhos enevoados:

— Muita uva ajudei eu a pisar nesta quinta.

Maria dos Anjos traz-lhe o pichel e o copo. Mariano Paulo e Hilário surgem dos telheiros, aproximam-se. Lobisomem tira o chapéu.

— Coma-lhe, beba-lhe à vontade.

Limpam a terriça das botas no rebate da porta. Lobisomem cumpre as ordens de Mariano Paulo. Come, bebe. Quando acaba, leva a loiça a Maria dos Anjos:

— Vou daqui lavar-me outra vez. E pedir à Senhora da Lagoa que te perdoe.

Atravessa o pátio, com a rapariga a gritar-lhe da porta da cozinha que não esqueça a telha e o sal, que raspe até se ver a pele. Pois sim. Arrasta-se ladeira abaixo. À porta da loja do Miranda, o caixeiro aproveita a aragem do fim da tarde e, ao vê-lo, aponta-lhe o casarão dos Paulos:

— Abençoada quinta, Lobisomem. Abençoada vida.

Lérias. E passa adiante. A noite vai-se aproximando. Camponeses entram nos casebres; mulheres procuram os filhos adormecidos nos pátios, nas estrumeiras; um fumo crepuscular desprende-se das serras. A água da lagoa arrefece com o primeiro peso da sombra e as rãs começam a coaxar.

Lobisomem senta-se ao fundo da cabana, na esteira de bunho. Leva a mão à cabeça felpuda. Um milhafre paira sobre Corrocovo. Lobisomem pensa no pássaro esfomeado que viu de tarde. Teria caído de súbito sobre a presa e devorado nas

alturas a carne pilhada. E passaria a noite poisado num desses pinheiros solitários que metem medo. Lobisomem olha ao redor a cabana desolada. No dia seguinte, a ave tornaria a rondar a terra. E assim no futuro, até que um tiro a deixasse a apodrecer no chão ou a morte viesse, natural, sumi-la na amplidão do tempo.

Lobisomem cabeceia de sono. O calor do vinho, do caldo, lá está no corpo todo. A fervilhar mansamente. Uma dorna de mosto, salvo seja. Estende-se ao comprido da esteira e adormece.

IX

O trabalho da quinta era feito com enxadas, a uva esmagada sem prensas, o milho escarolado à mão. A aguardente de Corrocovo corria ainda do tosco alambique, como nos tempos do velho Paulo. A compra da grande máquina destiladora fora sempre adiada. Os homens continuariam a calcar os cachos, o bagaço, a escarolar as espigas. Desceriam ao fundo das dornas onde o mosto fervia. Um cheiro doce e perigoso entontecia-os, sufocava-os. Teriam de vir à superfície encher o peito de ar.

Na quinta, tudo nascia da sua paciência. Se aparecessem as prensas, a destiladora, os escaroladores mecânicos, os homens seriam despedidos. Uma máquina faz o trabalho de cem braços. A oferta de mão-de-obra aumentaria em Corrocovo, as levas dos emigrantes e dos ganhões engrossariam e o povo das terras areentas debandaria em massa. Ao fim da caminhada, a gente da gândara encontraria os esteiros do Tejo, os valados lodosos, as febres do arroz. Ou o chão alheio dum novo continente.

Mas Mariano Paulo não fazia tenção de comprar as máquinas. A quinta continuaria silenciosa, sem o barulho dos motores. Os homens continuariam a semear e a colher, como há mil anos.

Ao domingo, Mariano dormia até tarde, almoçava sozinho e acabava o dia numa cadeira de lona por baixo da grande nogueira, a árvore tutelar da casa, que Silvério Coxo, o iniciador, plantara na primeira nesga de chão comprada pelos Paulos. Paz sobre Corrocovo. As mulheres cochilavam nas soleiras das portas, os homens enchiam a taberna, as crianças buscavam pelo mato os ninhos e as cobras. Ao largo, os pinhais eternizavam o dia nas ramagens quietas. Mariano enrolava um cigarro e ficava de olhos fechados, a cismar. No escritório, Hilário fazia de má vontade as folhas do pessoal, alinhando nomes e dinheiros, conferindo a caderneta de Firmino.

O Guimarães e o Dr. Seabra davam uma saltada a Corrocovo. Mariano mandava vir assentos, o Dr. Seabra reclamava o cadeirão de baloiço e o Guimarães, apontando a quinta, os milhos a torrar ao sol, aconselhava Mariano Paulo:

— Quarenta, cinquenta por cento das colheitas, vão-se-lhe embora. Ponha motores nos poços e rega a quinta em metade do tempo.

Mariano erguia-se na cadeira de lona:

— Ponha motores nos poços. Muito bem. Mas você não pergunta se eu os posso comprar. Motores não se põem com lérias, custam contos e contos de réis.

Recostava-se de novo e considerava:

— Aliás, a rega não passa dum aspecto do problema. A quinta precisa também duma destiladora, a adega de prensas e lagares, o milho de escaroladores. Aproveitava a uva por inteiro, o bagaço por inteiro, fazia deste areal, quem sabe, uma quinta de jeito. E vocês, lá em Corgos, a roerem-se de inveja. Mas já pensou quanto me custava tudo isso?

— Empatava o dinheiro se o tivesse, comprava a crédito se o não tivesse. Arranjava preocupações mas tirava-lhe o lucro, objectava o Guimarães.

O Dr. Seabra pedia licença para intervir. Molhava a mortalha e cuspia os fios de tabaco pegados à boca:

— Lume, faz favor.

Acendia o cigarro no de Mariano e entrava na questão:

— Fique sabendo, Guimarães, que nisso não estamos de acordo. Qual tirava-lhe o lucro, qual o quê. Podia empantanar a quinta. Uma vindima que não compensasse, uma colheita má, e era o diabo. As letras não esperam, os bancos querem lá saber de secas ou de chuva. Suponha você que vinham dois ou três anos fracos a seguir e aí estava o Mariano a vender a terra para pagar as máquinas.

Apagava-se-lhe o cigarro e atirava-o fora, irritado:

— Com máquinas não vou. Dá-se muita guita a esse papagaio e o vento, quase sempre, leva-o.

Mariano Paulo concordava. Hilário concordava também, em silêncio: maquinaria na quinta era a balbúrdia, o inferno.

O Guimarães defendia-se, tentando um último argumento:

— Mas o senhor anda de comboio, por exemplo. Logo usa as máquinas, transige.

— É outro caso, Guimarães. É diferente. Eu refiro-me à lavoura, apenas à lavoura, e aí mantenho que não vou com máquinas. Santa paciência, mas prefiro à antiga. Este areeiro não me parece chão para grandes cavalarias. Suponha que uma destiladora se encrenca. Tem de vir gente especializada; são peças novas, cada porcariazinha assim um dinheirão; operários a

comer, a ganhar bem, a arrastar o conserto. Junte-lhe uma semana, duas semanas, o serviço parado. E veja se compensa.

Levantava-se, o cadeirão ficava a balançar. Enrolava outro cigarro e pedia lume:

— Motores, lá para os grandes centros, na fiação, nos sabões, na indústria. Ou nos solos ricos. Aí, sim. Tudo corre direito. Aqui, discordo; a terra é muito pobre para esses luxos.

O outro hesitava; e o Dr. Seabra concluía:

— As coisas são o que são, Guimarães. Valha-o Deus.

Na capela, davam as trindades. Mulheres rezavam, aflições, desejos, filhos doentes, um murmúrio extremo que não perturbava o anoitecer calmo, lento, do domingo.

O Dr. Seabra e o Guimarães despediam-se. Subiam à charrete e metiam pelo caminho de bois. No piso barrancoso, a égua ia a passo. Eram três quilómetros entre pinhais e mato antes de alcançarem o alcatrão suave da estrada que levava a Corgos.

Mariano Paulo encontrava Guilhermina a sair da cozinha e gritava por Maria dos Anjos:

— Anda cá. Não quero esta mulher em minha casa. Já to disse milhares de vezes. Se a torno a apanhar aqui, vão as duas pela porta fora.

No rosto de Maria dos Anjos havia um sorriso indiferente e malicioso ao mesmo tempo.

Mariano Paulo comia, serenava. Afastando a cadeira da mesa, recostava-se um pouco. Alguns cigarros seguidos, sem uma palavra, e ia deitar-se.

Hilário subia atrás dele. No quarto, apoiado ao peitoril da janela, fitava uma luz brilhando algures entre a folhagem das

laranjeiras: uma candeia trémula. Deixava correr o tempo. Lá ouvia por fim, entre os rumores da noite, os passos cuidadosos de Maria dos Anjos no corredor. A porta do quarto do pai rangia. Olhava as árvores, em que a lua poisava como o orvalho, fria e cintilante. Na cama de Mariano Paulo, a intrusa começava a gemer com a rouquidão de certos bichos: rolas, gatas. Descia confusamente a escada, abria a cancela do quintal e achava-se na rua.

Seguia rente às paredes. Um cão ladrava para os lados da quinta; depois outro, mais para o povoado; ainda outro. Quando se calavam, o coaxar quase indistinto das rãs tornava-se alarmante, ia da terra ao céu para descer sobre Corrocovo, misterioso como tudo o que chega de longe.

Batia à porta de Guilhermina. A rapariga perguntava quem era. Continuava a bater. E ela aparecia por fim, de candeia na mão: a cabeça frágil, de cabelos caídos, recortada no oiro do azeite que ardia; a mancha branca da camisa; um ombro fulvo, nu.

X

Palmira ficara a viver em Corrocovo. Na casa dos Taipas, à beira da lagoa. Avistava dali o casarão da quinta dominando a aldeia, sobre o dorso da duna, com as suas paredes altas, esverdeadas de musgo, e a alpendrada que tornava as salas escuras.

Julgava-se mais feliz agora, casada com Luciano. A velha Taipa, imóvel no enxergão, via Palmira com prazer. Recebia das suas mãos a malga transbordante; o cheiro quente do caldo excitava-a e a saliva corria-lhe pelos cantos da boca.

A luz da candeia dava às feições de Luciano, a fronte curta, o nariz e o queixo espessos, a dureza da pedra, das imagens rudes.

A velha chamava. Palmira mudava-lhe a roupa molhada. Fitava Luciano e suportava sem custo o cheiro da palha apodrecida pela urina. Virava o corpo meio morto, estendia uma coberta enxuta sobre o enxergão.

Tinham concordado que o oiro era inútil ao fundo do baú. Compraram um pedaço de terra e começaram a cultivá-lo, cheios de esperança. Não se tratava já de surribar, semear, regar, por conta alheia. Queriam que o seu pedaço de chão crescesse como os canoilos de milho. Que a sua terra aumentasse. E trabalhavam, mortificavam-se, de sol a sol.

A velha ficava todo o dia sozinha. As moscas voavam das estrumeiras, zumbiam na sombra do casebre. Réstias de luz entravam pelas telhas desconjuntadas, abriam no soalho minúsculos lagos amarelos. Nesses raios de sol a poeira brilhava e as asas rápidas das moscas passavam de vermelho a azul, de verde a roxo. Cores ágeis, inquietas. A velha pensava em Luciano, em Palmira. E rezava por eles. Na solidão, um fragor longínquo aproximava-se, os cavalos da morte e o seu galope devastador. Uma estranha balada nascia da terra ferida pelo tropel. Palmira e Luciano andavam longe. Se gritasse, o grito morreria na aldeia erma. A cantilena reboava como na abóbada duma igreja. Cavalos à desfilada sobre os campos, as árvores, o povo, e das patas dos cavalos, que faiscavam lume no chão, brotava o coro milenário em demanda do céu.

A velha rezava, desfiando as horas do dia como um rosário. Pouco a pouco, a água do sol sumia-se no chão, as moscas sossegavam na obscuridade. E por fim, o bater dos tamancos no empedrado, as vozes do povo que chegava do campo, arrancavam-na ao apocalipse do casebre.

A velha estendia os braços ao longo do corpo, fechava os olhos, sossegava.

XI

As colheitas não compensaram. Chuvas fora do tempo apodreceram metade das raízes e o sol quando veio continuou a destruição. Nevoeiro, míldio, lagartas e calor, isto é, doenças a grassar no chão macerado. O vento quente bafejava as culturas, matava por sua conta. A terra, que era verde, tornara-se amarela.

Os bois saíram a lutar com a seca. Escoavam os poços, atirando a água dos alcatruzes às chãs de milho, à batata calcinada. Cepas torciam-se a uma luz intensa.

As águas saibrosas da lagoa, levava-as apressadamente a estiagem. Lobisomem entrava no charco, que lhe dava agora pelos joelhos, enchia de lodo uma velha panela. Trazia-a para fora e arrancava as enguias da crosta lamacenta. Estripava-as. Acendia a fogueira no chão da cabana, deixava-a pegar bem. Passava as enguias sangrentas pelas chamas e comia à mão, chupando os dedos, donde escorria uma gordura meio crua.

Bichos do milho furavam de lado a lado os canoilos apodrecidos. Luciano Taipa puxava o braço da cegonha, despejava o balde, enquanto Palmira encaminhava a água entre a seara morta. O balde tornava a descer na ponta do varal, batendo nas paredes do poço estreito. A água diminuía. Os olhos de

Luciano seguiam com ansiedade o nível que descia, adobo por adobo, no muro redondo. O balde deu no fundo. Luciano levou a manga da camisa à testa suada e sentou-se desolado no rebordo do poço.

Pela quinta, ia um movimento desabitual. O gado andava todo no trabalho, fazendo rodar os espigões dos engenhos de manhã à noite. Bois, cavalos esfalfados. Mariano Paulo decidira utilizar a própria égua da charrete. Hilário opôs-se e discutiram. Tinham-se habituado a falar baixo. Anos de murmúrios, vozes sussurradas, quanto mais silêncio melhor na casa sombria, como se receassem acordar o velho Paulo, D. Conceição, os mortos. E agora, perto deles, Firmino pouco mais distinguia que palavras soltas, uma ou outra frase: pigarço, os jarretes da égua, baio, arranje mulas para este trabalho, poços, é do que nós vivemos, habituada ao xairel, põe-lhe ferraduras de prata, charrete, milho, um animal vistoso para apareceres na vila. Até que Mariano Paulo ordenou, fora de si:

— A égua para o poço, Firmino. Quem manda, por enquanto, sou eu.

Hilário viu-os desandar com o bicho pelo cabresto. Falara sem nenhuma ideia reservada. Para poupar a égua. Apenas. Mas o pai andava a entender tudo pelo pior. Era ver-lhe os modos bruscos, os remoques, as queixas ao Dr. Seabra. Também Maria dos Anjos o tratava desabridamente. Por influência de Mariano Paulo ou por conta própria, a verdade é que estava a exceder-se. Uma cadela, que abria as pernas a um velho por interesse. Depois, clamava o pai, quando via Guilhermina na quinta, que não queria putas lá em casa. Que vontade de cor-

rer atrás dele e dizer-lhe o que pensava de Maria dos Anjos, dos dois, do leito profanado da mãe.

Entretanto, Mariano Paulo e Firmino alcançaram o poço e prendiam agora a égua ao cambão. Virou-lhes as costas, atravessou o pátio: sol a pique; cigarras desabaladas; mas o seu estridor, contínuo e certo, mal se dava por ele; era como se fizesse parte do silêncio; um silêncio áspero que nascia de janelas em fogo, de telhas a arder sobre currais vazios. O ar espesso doía, nos olhos, nos ouvidos. Desejava a noite. Mas a noite viria, com os seus animais cansados, encher de cio os estábulos, os quartos. Na cozinha, Maria dos Anjos cantarolava. Grandessíssima cabra. Deu um encontrão na porta e disse, com o calor de fora a secar-lhe a garganta:

— Queres dormir hoje comigo? Ou só gostas de velhos?

XII

O calor amainou nos fins de setembro. Chegou o outono e com ele as colheitas quase perdidas. Corrocovo tinha um inverno de fome à sua frente. Não tardaria que as chuvadas se despenhassem das grandes nuvens que desciam do norte.

De regresso à aldeia, os ganhões gastavam a jorna dos arrozais em quinino que iam comprar a S. Caetano, a Corgos. O Dr. Seabra vinha ver os doentes. Acabava as visitas, subia à quinta e dizia a Mariano Paulo:

— Lá se foi o último ceitil. Em remédios. Partiram, passaram alguns meses no lodo, amealharam meia dúzia de moedas e voltaram. Pois cá têm à espera a mesma fome dos que não saíram.

Mariano concordava. Julgava-se também com alguma responsabilidade na miséria de Corrocovo. Pagava jornas baixas, insuficientes, mas o certo é que não podia pagar mais. Os armazenistas entendiam-se uns com os outros, compravam o milho e o vinho pelo preço da chuva. E ele tinha obrigações a cumprir, despesas certas a que não podia faltar: pessoal, contribuições, adubos, gado. O Dr. Seabra tranquilizava-o:

— Uns tostões a mais ou a menos não resolviam nada. Nem isso está nas suas mãos. Mas, de facto, aflige. Crianças

com barrigas enormes, os olhos purulentos, as pernas como espetos. Enfim, tenho de ir andando. Dê um abraço ao Hilário.

Ficava a meditar nas palavras do amigo. As culpas da pobreza que alastra em Corrocovo não são suas, Mariano. Evidentemente. Via-se lutando também para manter a quinta, calculava os prejuízos daquele ano desastroso. As dificuldades batiam à porta de toda a gente. Iam longe os tempos em que a agricultura fazia fortunas. Agora, o milho e o vinho chegavam doutras regiões, de terrenos férteis onde a produção era menos dispendiosa. Os armazenistas, a concorrência de preços, obrigavam Mariano Paulo a vender com lucros mínimos e às vezes sem lucro. O velho Paulo deixara ainda a quinta a produzir um rendimento apreciável. Porém, os últimos anos tinham modificado certas coisas. As novas estradas traziam às feiras de Corgos produtos de toda a parte. Pelas estradas, pelo caminho de ferro, nos vagões, nas camionetes, o comércio das cidades, das vilas, das aldeias, acelerava-se, levava daqui para ali, fazia permutas, entrechocava-se, explorava todos os mercados. O isolamento dos pequenos meios desaparecia. O velho Paulo não sentira, em toda a plenitude, o torvelinho deste choque de interesses. Mas a quinta esbarrondava-se agora nas mãos de Mariano. Os proprietários procuravam lançar mão do comércio, de pequenas indústrias, para aguentar a agricultura. Mariano recordava os conselhos do Guimarães. Motores nos poços, etc. Talvez as máquinas embaratecessem ou aumentassem a produção, pondo a quinta em condições de competir com as terras mais úberes. Talvez, mas os donos dessas terras comprariam máquinas também e, assim, a vantagem continuaria a pesar do mesmo lado.

Tinha de encontrar outra solução, erguer um dique à ruína que se aproximava. O dinheiro depositado no banco estava a levantá-lo para tapar faltas, manter os jornaleiros, financiar as novas sementeiras.

O desprendimento de Hilário por tudo aquilo desalentava Mariano Paulo. Dias e dias sem uma palavra, vagueando pela quinta ou fechado no quarto, não era vida para um homem feito. À noite metia-se em casa de Guilhermina carregando o que podia. Mariano Paulo admitia aquelas saídas, compreendia que Hilário precisasse duma mulher, mas não gostava de o ver partir como um ladrão, de sacas cheias, pela sombra das paredes. Custava-lhe, sobretudo, saber que Guilhermina, nas costas de Hilário, comia as ofertas em ceatas com jornaleiros.

Chamou-o e pôs-lhe o problema. Hilário nem sequer se mostrou magoado. Nessa mesma noite, corria para a rapariga com os presentes do costume. A transigência pareceu a Mariano Paulo uma falta de dignidade. O seu brio de antigo varredor de feiras não perdoava a fraqueza do filho. Estes desgostos escureciam ainda mais o descalabro da velha quinta.

Mariano rejeitava a modernização da agricultura, a compra das máquinas. Uma experiência arriscada e dispendiosa. Se os lavradores de S. Caetano, do Albocaz, estavam a lançar mão do comércio ou de pequenas indústrias, porque não tentar também? Parecia-lhe o caminho indicado, a única saída.

Exactamente nessa altura, o Guimarães veio à quinta com o Dr. Seabra. O médico perguntou por Hilário e, como Mariano lhe indicasse tristemente: aí por fora, saiu a procurá-lo. O Guimarães aproveitou a ocasião para tratar do assunto que

o trouxera e lhe queimava a língua. Queria vender os seus fornos de cal. Passeava pela sala, de porta a porta. Esbarrou no pé duma cadeira, voltou-se:

— E pensei em si.

Mariano Paulo sentiu calor e frio ao mesmo tempo. Ali tinha, numa salva de prata, a solução procurada. Algumas fortunas da vila, fora a cal que as fizera. Bela oportunidade, realmente. E tentava manter-se calmo, aparentar desinteresse. A verdade é que deixara de ouvir o Guimarães. Sonhava: os fornos na sua mão, clientes certos, escrita bem montada, pessoal capaz, salvando a quinta e os Paulos.

Entretanto, o Guimarães sentara-se e alegava confusamente os motivos da venda. Mas, dando conta dos passos do Dr. Seabra e de Hilário no corredor, fez um sinal a pedir silêncio:

— Apareça por Corgos um dia destes. Para falarmos com mais vagar.

XIII

Mariano Paulo aceitou a sugestão do Guimarães, passados dias. Jantou cedo e mandou aparelhar a charrete. Dispensou Firmino, ele próprio guiaria: era uma distracção para a légua bem puxada da viagem. Mandou subir a capota, enrolou a manta de xadrez nas pernas. Nuvens de céu a céu. A chuva podia cair dum instante para o outro.

Levou os primeiros quilómetros a examinar o negócio com o Guimarães. Atravessava a várzea quando principiou a morrinhar. A várzea é um vale pouco perceptível, onde uma ribeira secou há dezenas de anos; existe ainda o pontão desmantelado, a indicar o percurso da água; a vegetação degenerou num restolho pardo; a ribeira cobriu-se duma côdea de lama e secou entre os silvedos das margens. Os fornos de cal erguem-se, em pedra nua, ao começo da várzea. Ao lado, ficam os telheiros espaçosos, onde se acama a lenha e o pessoal dorme nos intervalos das fornadas. Abafa-se no verão. No resto do ano corre por ali um vento resinoso e salgado: vem do mar, adensa-se entre os pinhais. Quando chegam as chuvas encordoadas de janeiro, ao fundo da ravina o charco de lodo ressuscita e o velho pontão torna-se uma coisa útil.

A morrinha aperta, Mariano Paulo incita a égua; para nada; as cancelas da passagem de nível estão fechadas. Aconchega a manta aos joelhos e espera que o comboio passe. No crepúsculo, o trabalho dos fornos continua. Nuvens de fumo branco bóiam junto ao chão como o nevoeiro baixo; o vento empurra-as sobre a vila; as chaminés deitam mais fumo; Mariano Paulo começa a respirar mal.

Encontra o Guimarães no café, numa roda de amigos. Vão para um canto sossegado e entram no problema sem rodeios. O Guimarães expõe a situação:

— Ou me torno dono de toda a cal ou não quero nenhuma. Os dos fornos pequenos vendem. De resto, a concorrência daí é nula. A questão é o Neves gordo. O do armazém. Não cede.

— Oiça, Guimarães. Você falou-me em vender os seus fornos e eu aceito o negócio. Pelo justo preço, claro. Agradeço-lhe a franqueza de me dizer que a concorrência do Neves pode causar embaraços. Não se esqueça que fico nas mesmas circunstâncias. Dou-lhe trinta contos. Nem mais um tostão.

O Guimarães bateu a ponta das unhas no mármore da mesa:

— É curto, Mariano, muito curto.

Continuou a tamborilar. Mariano Paulo aguardava.

— Sugiro-lhe outra coisa, disse o Guimarães por fim. Associamo-nos, pomos o Neves de pantanas. Sempre se há-de arranjar maneira de o vergar.

Um golpe baixo, que Mariano Paulo não esperava. Ainda assim, conseguiu dominar-se:

— Nunca gostei de sociedades e, além disso, os fornos ficam-me longe, fora de mão. Não lhe posso dar mais. O melhor é tomarmos um cálice de porto e esquecer o assunto. Estão a fazer-se horas do seu jantar.

O outro segurou-o pelo braço:

— Falemos claro, Mariano. Não me convém vender. Vivo dos fornos, não posso desfazer-me deles.

Mariano Paulo irritou-se:

— Que diabo de história é essa? Você é que me foi falar na venda. Passava-me lá pela cabeça o negócio se não mo tivesse proposto.

O Guimarães concordou:

— Eu sei, mas o caso é que preciso duns dinheiros. Para já. Letras no fim do mês, sem reforma possível. E eu, descalço como nunca.

Mariano recompôs-se. Se o Guimarães aceitasse a ideia duma hipoteca, nem tudo estaria perdido. A possibilidade de conseguir os fornos continuava:

— Começasse por aí. Valha-me Deus.

E insinuou:

— Qualquer pessoa lhe empresta o dinheiro. Os fornos são uma boa garantia. Estou ao seu dispor. Tanto rodeio, tanta nica, entre nós. De quanto precisa você?

Acabaram por combinar a hipoteca sem grandes objecções do Guimarães. Mariano mandou vir o porto. O café estava agora vazio. O empregado pôs a garrafa e os cálices na mesa e voltou a sentar-se atrás do balcão. Tinha uns olhos de peixe no aquário, enormes, aumentados pelas grossas lentes. Fixava sem

interesse os dois senhores que bebiam, atiravam os níqueis sobre o tampo de mármore e saíam a conversar.

Mariano Paulo insistia:

— Apareça. Diga ao Dr. Seabra e dêem uma saltada à quinta no domingo. Jantam lá.

Despediram-se à porta do café. A chuva miúda não parara. Os candeeiros da praça de Corgos vacilavam na névoa e no fumo dos fornos. O Guimarães levantou a gola do sobretudo, calçou as luvas de malha. Mariano Paulo subiu para a charrete, acendeu a lanterna de petróleo e gritou, enquanto o outro se afastava na rua molhada:

— Mas que tempo este. E não se esqueça, amanhã às duas, no notário.

O negócio, enfim, podia ter corrido pior. Saltando sobre os acidentes, conversa desagradável, comboio na passagem de nível, chuva toda a viagem, o certo é que salvara o essencial. Não comprara os fornos, quer dizer, ainda não os tinha na mão. Contudo os prazos da hipoteca eram breves. Uma corda ao pescoço do Guimarães. Onde iria ele desencantar o dinheiro a tempo e horas, antes que o nó se apertasse? Abençoado Neves que estava a liquidar de tal maneira um concorrente.

Soltou a égua a trote largo. Pouco depois estava nos fornos. Os homens oscilavam sobre um fundo de chamas, alongando, retraindo os braços carregados de lenha, e o fogo recortava os movimentos, as figuras toscas. Garotos corriam aos telheiros, gemiam sob os toros de madeira. Soavam ordens breves, roucas. A pedra ardia, o calor fracturava-a. Era a cal que segurava as

paredes das casas novas, dos armazéns, das vivendas, da vila inteira que crescia.

A fumarada fazia tossir, o suor escorria nas caras grisalhas. Os fornos trabalhavam espalhando sobre o chão uma mancha de luz. De calcário queimado.

Mariano Paulo chicoteou a égua, entrou na escuridão da estrada.

XIV

A fome alastrava. A estação fria acossava os homens, os coelhos do mato, os morcegos, e fechava-os nas tocas. As árvores ficavam nuas, as grandes chuvas voltavam.

Hilário gostava do inverno à solta. Céus a desabar, casebres submersos, pinhais vergados ao peso das bátegas, água e vento contra a janela. Passava as noites acordado enquanto o ar de roldão devastava tudo. Ocorriam-lhe histórias nebulosas da infância. Bruxas, lobisomens, botas de sete léguas. O cenário nunca variava. De súbito, o luar sumia-se, ficava tudo escuro, e as histórias podiam contar-se porque havia golfões de luz a iluminá-las, furando a chuva aqui e ali, talvez trovoadas muito altas que mal se ouviam.

A vida no casarão não melhorara. Longe disso. Maria dos Anjos enfiava-se nos lençóis com Mariano Paulo, enroscavam-se um no outro, teciam ambos as intrigas, as quezílias, do dia seguinte. Ambos. Uma meada, que se saiba, tem sempre duas pontas.

Lá fora, continuava a fúria nítida do temporal. Ainda bem. Hilário povoava a solidão de coisas mágicas, remotas, que o homem assustado inventara. Pela madrugada, com a tempestade quase morta, o murmúrio das caleiras adormecia-o.

A fome alastrava. O Miranda só fiava na loja aos pequenos proprietários, que garantiam o pagamento com as terras. Corrocovo comia as courelas, os pedaços de vinha. Quem tinha os braços como únicos bens pedia às portas.

Luciano Taipa vira o milho da sua leira secar, apodrecer. Escapara meia dúzia de alqueires, o sustento de poucas semanas, mas não vendera um grão, não apurara um ceitil. O inverno, encrespado, ia passando e o rol da dívida crescia no livro de assentos do Miranda.

Primeiro, o adubo. Misturado ao estrume, a envolver as sementes. E Luciano confiante. A colheita pagaria o adubo, o trabalho, as contribuições. E alguma coisa sobraria para alargar a leira com a compra de outras leiras vizinhas. Luciano Taipa a endireitar a vida. Mas se o homem põe, Deus dispõe. E Deus dispusera a desgraça onde Luciano tinha posto a esperança. Deus a trabalhar por conta do Miranda. E o Miranda a apontar a Luciano com a ponta do lápis o livro dos assentos:

— Sou teu amigo, capaz de um sacrifício. Mas nisto, não. Negócios são negócios. Ou pagas ou fico-te com a terra.

E o rol da dívida a avançar pelas páginas do livro. Primeiro, o adubo; depois, o dinheiro emprestado para as contribuições. Janeiro chegava, a vila mandava afixar editais nos lugares públicos do costume: as paredes da capela, as árvores do largo. Editais, más notícias. Os impostos a caírem em Corrocovo. O Miranda encetava outra página do livro:

— Vai levando, rapaz. Tu és dos que pagam.

Parcelas sobre parcelas, somas, garatujas, que só o exagero aritmético do Miranda entendia. Luciano resmungava, mas

Palmira, a velha e ele tinham de comer. O inverno não acabara ainda.

— Tudo aqui escrito, alma de Deus. E calculado pelo baixo. Acredita.

O rol crescia. Agora, era o milho de todos os dias, o milho que o estio devorara. Quando o inverno findasse, a terra estaria nas mãos do Miranda.

Não foi preciso tanto. Antes que as aves brancas da lagoa e as andorinhas regressassem do sul com a primavera, Luciano Taipa entregou-lhe a leira empenhada e emigrou.

XV

A quinta parecia viver fora do tempo. Numa pausa do tempo. A memória, os factos, as coisas, dir-se-iam flutuar ao acaso. Hilário não conseguia dar-lhes uma ordem coerente. A solidão, que tanto lhe agradara, começava agora a perturbá-lo, dissolvia no mesmo ritmo confuso o passado, o futuro. Dias, intermitências de sol e treva, que geravam semanas, anos, vidas, sem se dar por isso.

Lá vinha rompendo outra manhã. E Hilário, no quarto, esperava que o casarão acordasse. Sentia portas que se abriam, passos, um chiar de água entornada no lume. Maria dos Anjos na cozinha, mais passos. Os camponeses espalhavam-se pela quinta e o trabalho começava na madrugada ainda a despontar. Um vulto subia a rampa. Era Firmino. Parava junto dos jornaleiros, destinando o serviço a cada um. Continuava a subir, devagar. Seguiam-no agora dois homens. Chegava à adega, abria-a. Os dois homens entravam e ele ficava a falar-lhes, meio dentro, meio fora, com um dos braços estendido, a mão apoiada na cantaria. De vez em quando apontava com a outra mão o interior da adega. Dali, dirigia-se aos currais. Maria dos Anjos saía do casarão e atravessava o quintal. Sumiam-se ambos no telheiro, apareciam carregados de palha e erva. Entravam nos

estábulos. Bois mugiam. Maria dos Anjos voltava à cozinha, Firmino surgia com a égua da charrete.

E então, um desses factos à deriva, quase perdidos na memória, tomava conta da consciência de Hilário e, uma vez fixado, tornava-se de há pouco, abolia o tempo, o fluir ordenado das coisas. Por exemplo, dizia ao pai que não pusesse a égua a puxar ao engenho e o pai teimava. Quando? Talvez ontem, talvez agora mesmo. O certo é que a égua se aguentara. E se não, era vê-la empinar-se, levantar as patas dianteiras e relinchar ao sol nascente como se cumprisse um rito selvagem da sua raça. Firmino largava-lhe o cabresto. A égua partia a trote, arrancava de súbito, moderava o passo, arrancava outra vez, parava. Firmino espalmava-lhe a mão no flanco e o jogo recomeçava com o ritmo seguro dos cascos no chão do pátio. Hilário abriu a janela:

— Atrela a égua. Vou sair.

Passou pela cozinha, tomou café e pão. Nem uma palavra a Maria dos Anjos. Quando chegou ao pátio, já Firmino esperava com a charrete pronta. Mariano Paulo, que acabava de levantar-se, apareceu no alpendre e perguntou-lhe onde ia. Respondeu vagamente:

— Passear por aí.

Estalou o chicote no ar, incitou a égua e partiu. Atravessou Corrocovo atalhando pelo caminho de bois à estrada da vila. A manhã, tecida num azul vítreo, húmido, resplandecia em milhares de folhas: uma teia de orvalho aceso pelos raios do sol. Nas ramarias altas, os pássaros cantavam. A égua contraía os tendões esguios e galgava os barrancos. Se aguentara o

engenho, podia aguentar aquilo. Chicoteou-a. Um golpe firme, de alto a baixo. A charrete guinou, embatendo num socalco mais duro. Hilário, ao saltar no assento, enfureceu-se. E a partir daí, o dorso da égua, cor de mel, foi-se cobrindo de vergões, enquanto as patas lhe escorregavam no piso enlameado pelas últimas chuvas. Quinze dias seguidos ao engenho. Hilário chicoteava. Largara as rédeas e segurava o cabo do chicote com tanta força que sentia as unhas entrarem na palma da mão. A cada golpe, a égua estremecia, tinha um arranco ágil, a espuma caía-lhe da boca, flocos de suor ensanguentado escureciam-lhe o pêlo. O sol, coado pela rama densa dos pinheiros, mal se entrevia agora. E, no silêncio, o rodar estranho da charrete, os silvos do chicote, ecoavam escuramente, como numa cripta.

Desembocaram na estrada da vila e aí, sobre piso seguro, a égua largou à desfilada. De rédeas soltas, galgava o caminho com ferocidade. Árvores, casas de arrumação nas quintas desabitadas, vultos de jornaleiros levantando a cabeça espantada, tudo se perdia na corrida. Hilário quis suster o animal. Procurou reapossar-se das rédeas, mas não pôde alcançá-las. A égua, com o freio nos dentes, continuava a marcha desabalada. Parecia impossível detê-la.

Um vento tempestuoso pegou de repente nos cabelos de Hilário e atirou-lhos aos olhos, deixando-o quase cego. Esperava a cada instante que a charrete se desconjuntasse na valeta ou embatesse nalgum pinheiro. Afastou os cabelos, fixou o corpo da égua, elástico, envolto no fumo do suor, e ergueu o chicote outra vez. Mas nisto, a roda fragorosa chocou contra o marco da estrada. Houve um estardalhaço de ferragens que

rangem, um momento de desequilíbrio, e Hilário estatelou-se, de pernas para o ar, no fundo da charrete.

As primeiras casas de Corgos surgiram, ficaram para trás. Mulheres gritavam, garotos assustados fugiam, abandonando os jogos, refugiando-se nas portas.

Só mais adiante, já na praça da vila, a charrete parou. Meia dúzia de homens decididos lançou-se para a frente da égua, fazendo-a abrandar. Atiraram-se aos varais do carro, foram levados uns metros no impulso, mas conseguiram dominar o animal cansado.

Juntaram-se logo os curiosos do costume:

— Grande desastre. Esteve por um triz.

— Podia ter havido mortos.

— Podia, mas não houve.

— Dêem graças a Deus.

Hilário, mal refeito do susto, contou dificilmente como a égua se espantara, à desfilada, sem quê nem para quê. Alguém interrompeu:

— É sempre assim. Quando tomam o freio nos dentes, não previnem.

Um dos homens que tinham ajudado a parar a charrete ponderou, taciturno:

— Cavalos, bichos caprichosos. O meu pai que o diga.

Outro apontou para a testa de Hilário:

— Tem aí um lanho a sangrar.

— Leva-se ao Dr. Seabra.

O Dr. Seabra, boa ideia. Hilário queria ver-se livre deles e aproveitou:

— Vou lá eu sozinho. Conheço o médico perfeitamente.

Um gesto na direcção da égua, da charrete:

— Agradeço é que me tomem conta disto.

O homem que apontara o rasgão na testa de Hilário segurava a égua pelo freio. O taciturno insistia:

— Gado desconfiado. Lembra-me bem o que sucedeu a meu pai. Todo o cuidado é pouco.

E embrenhou-se na história do pai, cuspido da sela, por uma coisa de nada, um pequeno toque de espora:

— Mas bastou para ir esmagar a cabeça no umbral do portão. Osso contra pedra. Já se vê que cede o osso.

Um aldeão, com a mulher ao lado, indicou as chicotadas no lombo da égua:

— O coiro do animal retalhado por uma faca de sapateiro. É o que é.

— Tiraste-me as palavras da boca.

A indignação contra Hilário começou a nascer. Embora a vendedeira de hortaliça, que se aproximava acotovelando toda a gente, garantisse:

— Medo. Foi apenas medo.

— Lérias, santinha.

— Um tipo destes, na minha terra, levava mas era um arraial de porrada.

— Espanta-se-lhe a égua. Que vá depois buscá-la.

O homem taciturno, que tinha perdido o pai num desastre de cavalo, tentava serenar os ânimos:

— Fala a experiência. Cavalos é comigo. Sim senhor, parece um bicho manso, mas não se fiem nele. Nunca se sabe

quando vem o coice ou o pinote. Por uma esporada à toa, foi o que se viu com meu pai.

A vendedeira de hortaliça, sentindo algum apoio, olhou com desprezo o homem que propunha a porrada:

— Queria ver estes valentões com o animal desbridado. Vossemecê era o primeiro a mijar-se.

Mas a vida chamava, das lojas, dos armazéns, das casas, e as conversas morriam. Os curiosos dispersavam, levados por coisas mais urgentes. E algum tempo depois, só o homem taciturno ficava junto da charrete, meditando sobre o rapaz medroso e a égua chicoteada.

Sobre a égua, pensava:

— Uma lição destas aos cavalos em geral, talvez não fosse asneira. Para atirarem menos gente, de cabeça, contra o primeiro umbral que vêem.

Sobre o rapaz, considerava:

— Teve mais sorte que o meu pai. Trinta, quarenta chicotadas numa égua atrelada, e nem sequer foi cuspido da charrete. Muito mais sorte, sim senhor.

XVI

Hilário não queria entrar em pormenores. Pormenor arrasta pormenor, enredam-se, baralham-se, e às tantas há um novelo, uma teia de aranha. Com o falador lá dentro. Não. Poucas palavras, escolhidas uma a uma. Era o melhor para explicar a Firmino o que se passara:

— A égua desgovernada, com o freio nos dentes. A charrete a desmantelar-se. Compreendes? Servi-me do chicote porque foi preciso. Não tinha outro remédio.

Firmino, consternado, olhava o animal. Depois, correu a buscar água, lavou-lhe as feridas, desinfectou-lhas com sabão. De vez em quando resmungava entre dentes:

— Pobre bicho.

Hilário ia assistindo ao tratamento. Que diria o pai quando visse a égua naquele estado? Aceitaria meia dúzia de palavras por cima da rama? Impossível. Desconfiava sempre. Demais a mais com Maria dos Anjos a acirrá-lo. Insinuações, segredos, queixas, no sussurro da cama, que é ainda o grande sítio para convencer um homem.

Firmino despejava baldes e baldes sobre o animal. A água tingida de vermelho escorria, ensanguentava o chão. Um ou outro resmungo. O ar sério, fechado. Mas enfim. Tratava a

égua, lastimava o caso. E pronto. Maria dos Anjos, essa, não. Alvoroçada. Espreitando, farejando. Lavar um tacho à porta da cozinha. Estender roupa no arame do alpendre. Sem parar. Tira a cera dos ouvidos, a remela dos olhos. E logo à noite, com as pernas abertas, conta-lhe tudo bem contado.

Firmino examinava agora os golpes do chicote, limpos, sem poeira e sem crostas de sangue. Imóvel. A cara a um palmo das feridas. Exame demorado. Lembrava o alveitar de S. Caetano, chamado à quinta num caso grave. Afinal, por aqui, também há censuras, também cheira a sarilho. A fadiga acumulada nas últimas horas veio ao de cima e Hilário murmurou:

— Não vale a pena enfiares o nariz no cu da égua. Olha para mim e diz lá o que pensas.

Firmino voltou-se, vagaroso:

— A égua está em sangue. É o que há para dizer.

— Já tinha reparado. E depois? Posso fazer o mesmo a um cão velho. Ainda não larguei o chicote.

Nossa Senhora da Lagoa. Cão, insultos, ameaças de pancada. Como o avô, quando endoideceu. Mas não era o avô. Não era o velho Paulo. Com os seus cabelos brancos. Aguentando a quinta, a casa, até ao fim, até a cabra da vida lhe toldar o juízo.

E, quase sem querer, ergueu a mão enorme, abateu-a sobre o braço de Hilário. O chicote caiu.

— Respeito-o por ser filho de quem é. Não se esqueça disso.

Franziu os olhos, como se houvesse muito sol:

— Só por ser filho de quem é.

Conteve o ar no peito; e a mão de ferro abriu-se, lenta, dedo a dedo; por amor de Deus, não me responda, não me diga mais nada.

Levou a égua para o curral, cobriu-a com a manta de trapos, e tornou a sair. Hilário continuava no mesmo sítio. Ao vê-lo, de ligadura na cabeça, braços caídos, oscilante, o caseiro estacou. Um reflexo nas janelas do casarão, a nogueira de Silvério Coxo ao fundo do pátio. E de repente, outra lembrança, outro retrato antigo. Mariano Paulo dizia:

— Corre a quinta com ele, obriga-o a trepar aos ninhos.

Subiam às árvores. Ou então escolhiam cogumelos, um trabalho difícil que Mariano Paulo confiava apenas a Firmino.

Se a humidade floresce, há tortulhos nos lugares sombrios, junto dos muros derruídos, na raiz dos pinheiros, nas grutas calcárias. As espécies letais escondem-se entre as outras, mas Firmino sabia distinguir o bom do mau.

Hilário aprendeu com ele e, certa vez, trouxe para casa um cogumelo venenoso, às escondidas. Nessa noite, Firmino teve de ir a Corgos chamar o Dr. Seabra. A toda a pressa:

— Chegaremos a tempo, doutor?

— Havemos de chegar.

Não rebentaram as montadas por acaso. O médico precipitou-se no quarto, com a maleta aberta. Lavagem de estômago, injecções, leite quente. Pela madrugada, Hilário estava livre de perigo. Mariano Paulo, acendendo o último cigarro, perguntou-lhe:

— Que diabo te passou pela cabeça?

— Nada, pai. Era só para saber.

— Saber o quê?

— A mãe, o avô. Como se morre.

Agora, diante da criança transformada em homem, as recordações assolavam Firmino. As recordações e um fulgor de remorso.

Nascera na quinta, onde os seus tinham sido caseiros desde o início; assistira ao descalabro da família; acompanhara as desgraças da casa; a morte de D. Conceição, do velho Paulo, o afundamento da propriedade, as ralações de Mariano Paulo, as colheitas pobres, a terra gasta de ano para ano.

Às vezes deixamo-nos levar pelo primeiro impulso e dá asneira; Hilário era o herdeiro da quinta, o futuro patrão; tinha de ser obedecido, respeitado.

Andara mal nesta questão. Infringira velhos mandamentos, seguidos pela sua gente no trato com Silvério Coxo e os sucessores; seguidos com proveito de todos: nunca entre eles houve desavenças. A história da égua era capaz de estragar tudo: a longa dedicação aos Paulos, a pedra e a cal de tanta vida, por assim dizer.

Iria remediar o que pudesse. E aproximou-se de Hilário, gravemente:

— Perdão só se pede a um pai, mas se quiser peço-lho também a si.

Chapéu na mão, pouco à vontade. Hilário mal o olhou. O homem perigoso de minutos antes desaparecera. Tal e qual um cão, cruel e humilde ao mesmo tempo. Mas um cão que nem morder podia, que deixava os dentes podres onde dava a dentada.

XVII

Firmino surgiu no casarão com a notícia. Andava um homem estranho pelos matos, um homem de enorme barba branca, que dormia entre a urze e apedrejava os caminhantes. Alto, forte, coberto de farrapos, com a cabeça de neve, a barba pela cintura. Correra sobre a Joana Fardoeira, e os olhos sulfurosos coruscavam como os dum demónio. Corrocovo ouviu a Fardoeira com desconfiança e duvidou. A raça dos lobisomens tinha acabado. Mas a mulher garantia, benzia-se, jurava, e até os mais cépticos hesitaram. Coisas do outro mundo. Sabe-se lá ao certo.

Hilário lembrou-se das noites que levara a cismar em histórias mais ou menos assim. E agora estava talvez a repetir-se uma dessas turvas narrações que vinham de longe, dos começos do povo.

Mariano Paulo não deu grande importância ao caso. Preocupava-o demais o negócio com o Guimarães. A salvação da quinta podia ser a cal. Seria, tinha a certeza, se os fornos lhe viessem parar às mãos.

O Dr. Seabra aparecia, trazendo às vezes o Guimarães. Ficavam a conversar sob as ramagens da nogueira, a fumar, a beber o vinho da quinta. Discutiam o caso do homem que

vagueava para lá dos pinhais, no coração do mato. Mariano confessava que não tinha uma opinião segura.

O Dr. Seabra falava de leprosos, doidos, pobres esfomeados, refugiando-se na gândara, à beira dum povoado, onde há quintais, adegas, celeiros, para assaltar de noite. O Guimarães rejeitava também qualquer forma de crendice e sugeria:

— Talvez um evadido. Todos os dias lemos nos jornais fugas de criminosos.

O Dr. Seabra interrompia-o, convencido de que o outro falava por falar, que no fundo tendia para uma explicação sobrenatural:

— É possível. Mas doido, esfomeado ou criminoso, temos de concordar nisto: é miséria. Daqui não se pode fugir.

O Guimarães despedia-se, tinha ainda de ir a S. Caetano falar com o Crespo. Mariano via-o partir e era como se lhe tirassem um peso de cima dos ombros. O prazo de pagamento fixado corria e o Guimarães não abordara, mesmo por alto, o assunto. Cada vez que o via partir, sem terem trocado uma palavra sobre o negócio, a esperança de lhe apanhar os fornos redobrava. Por outro lado, a despreocupação do Guimarães, como se nada o afligisse, deixava-o apreensivo.

Nos últimos tempos, o Dr. Seabra mostrava-se muito interessado por política:

— Tenho pensado que toda esta geringonça social precisa duma grande volta. Quanto mais não seja por uma questão de decoro elementar, de humanidade.

Mariano moderava-o:

— Não se meta nisso, doutor. Acho que estamos de acordo em muita coisa que diz. Mas fale aqui e cale-se lá fora,

onde quem ouve duas acrescenta três. Em Corgos, como sabe, começam a chamar-lhe os piores nomes. Que é comunista, que anda a fazer má cama para se deitar. Tenha cautela.

O Dr. Seabra exaltava-se:

— Ora, Mariano. A caravana não perde tempo com os cães de Corgos. E, fique sabendo, não sou comunista. Sei lá o que é o comunismo. Mas não se espante se me vir qualquer dia a ler o Marx só para os irritar. Tenho um pouco de coração, que diabo, e não posso ver homens a viver como os bichos ou pior que os bichos.

— Não discuto isso. Apenas lhe aconselho prudência.

Fazia-se um silêncio. E a voz do Dr. Seabra volvia, mais serena:

— Você recorda-se duma conversa que tivemos aqui há tempos? Os homens que voltam a Corrocovo empaludados, que gastam numa semana a féria amealhada em três meses nos charcos do arroz e acabam por ficar a curtir sezões o resto da vida? Você concordou, trouxe até o seu caso para a discussão, as jornas baixas que pagava, etc. Com toda a certeza que se lembra.

Mariano Paulo lembrava-se. O Dr. Seabra continuou:

— Pois bem, quero chegar a isto: esses homens fazem as fortunas dos grandes lavradores ribatejanos e vêm acabar a Corrocovo sem um naco de broa, sem enxerga, sem a porcaria dumas drogas. Não falo já doutras aspirações, de alegria, de felicidade, dum destino digno. Falo das coisas primárias, inadiáveis: alimentação, cobertores, remédios. Aponto simplesmente os factos, não indico nenhuma solução, não digo que o

comunismo resolva ou deixe de resolver. Aquilo de que falo, toda a gente o tem debaixo do nariz e toda a gente finge que não vê.

O Dr. Seabra partia e Mariano, da janela, olhava a quinta, o trabalho dos jornaleiros no silêncio da tarde. Esquecia a conversa do amigo. O Guimarães e os fornos voltavam à sua atenção, preocupando-o. Era ali que tinha de teimar.

Silvério Coxo e os descendentes não haviam erguido a pulso a maior casa de Corrocovo, esforços, tenacidade, privações, para que ele, Mariano Paulo, a deixasse levar pela voragem.

Quanto ao Guimarães, é certo, estou a sacrificá-lo, a jogar com a ruína dele para evitar a minha. A sangue-frio. Mas paciência, a caridade começa por nós próprios. Vem no evangelho. E não fui eu que o fiz.

Firmino atravessava o pátio. A mesma vigilância dedicada, descobrindo o que era preciso fazer, mandando repetir o que fora mal feito: sulfato numa cepa esquecida, estrume num pé de laranjeira. A vida entregue à casa, à quinta, sem hesitações.

Os próprios trabalhadores serviam a família dos Paulos há gerações, arrancando àquele chão o milho, o vinho, através dos anos. Se a quinta se esbarrondasse, que seria deles? Também nos casebres a vida se tornara mais rude. Dantes, havia alguma carne para cozinhar. De quando em quando. Um ou outro porco era cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizavam o inverno. Agora, os camponeses levavam a criação às feiras. Tiravam o pão à boca, enchiam as gamelas dos animais. O gado gordo rendia o dobro e vendiam-no aos talhantes. O cotim, os tamancos, a chita, não caíam do céu. Era preciso pagá-los.

E comiam a sardinha assada nas brasas, a broa, as azeitonas, uma posta de bacalhau nos dias santos para a família inteira. Nos meses frios, nem isso tinham.

Só o vinho abundava. Os homens esperavam o domingo, metiam-se na loja do Miranda, e ao serão as discussões nasciam nos casebres. Jornaleiros bêbedos espancavam as mulheres, a filharada.

O dia chegara já ao poente, o sino da capela dava as avé-marias e os cavadores largavam o trabalho.

Quando desceu para jantar, Mariano Paulo encontrou Firmino e Maria dos Anjos a falar da aparição dos matos. Afinal, a Fardoeira não mentira. Um moço que ia para S. Caetano fora apanhado pelo velho e viera contar factos extraordinários. A barba branca do homem manchada de sangue fresco, ainda a pingar. O solitário matava coelhos à cajadada e devorava a carniça crua. No chão arenoso dos matos não existe uma poça de água e aquele cão danado bebia o próprio mijo. Santo Deus. As mulheres recusavam-se a sair à lenha. A figura do alma penada, a sua força descomunal, tornaram-se um pesadelo.

Vivia-se nisto, quando um novo caso decidiu a aldeia a intervir. O nojento tentara violar uma rapariga que vinha do moinho do Perboi trazer a farinha a Corrocovo, e ela falava com terror dos dentes aguçados do bruto, dos olhos acesos como brasas, do cheiro imundo que largava, da maneira como desatara a cilha e espantara o burro, enquanto os sacos rebentavam no chão, espalhando a farinha sobre os espinheiros. Salvara-a um desmaio do velho, que ficou por terra a espernear.

Corrocovo não pôde mais. Nem que fosse o diabo em carne e cornos. Armou-se de enxadas, varapaus, marmeleiros, e

bateu os matos, devassou a gândara, esquadrinhando as tocas, praguejando ao bicho malcheiroso que devorava animais crus, caçando o homem guedelhudo, possesso, como se caça um lobo.

Mas a fera sumira-se. Havia apenas rastos dela: peles sangrentas de coelhos, tripas cobertas de mosquedo. E pouco mais.

XVIII

O Guimarães veio a Corrocovo inesperadamente:

— Novidades, Mariano. Já tenho o dinheiro da hipoteca. Quer recebê-lo agora ou no cartório? Acho melhor agora. Podem roubar-me no regresso.

E desatou a rir. Mas a cara do outro era uma carranca feroz. Percebeu que estava a pisar terreno falso e mudou de tom:

— Lá o espero em Corgos amanhã. Boa tarde.

Mariano Paulo estendeu-se na cadeira de lona. Olhos fechados, cigarro moído entre os dentes. Tentava serenar, descobrir onde o Guimarães arranjara o dinheiro. Talvez no Crespo, o amigo de S. Caetano, com quem tinha sempre assuntos a tratar. Ultimamente, mal poisava na quinta:

— Vou a S. Caetano. Uns negócios, umas trapalhadas. O Crespo está à minha espera.

E abalava. Nunca Mariano suspeitou dessas visitas. Quando muito, um leve pressentimento, logo desvanecido. O Guimarães andava com certeza a tratar de fornecer a cal para a casa nova que o Crespo ia construir. Em toda a parte se falava da vivenda que espantaria S. Caetano: um palacete de três andares, com terraços de mármore, varandas envidraçadas, jardins, garagem, pavilhões separados para estufas. As obras principiariam

quando os arquitectos de Lisboa, encarregados do projecto, acabassem as plantas. Grande expectativa em torno da oitava maravilha, como dizia o Dr. Seabra. Há dois anos que os alicerces abertos esperavam. Não se passara daí, então. E correram boatos. O Crespo não tinha dinheiro para cavalarias daquela altura. Dizia-se até que estava arruinado. Mas um dia camionetes de carga começaram a correr das pedreiras da Pena para S. Caetano abarrotadas de pedra grossa e cantaria aparelhada. Outras vinham da Pampilhosa com a telha. O Crespo recebia os materiais e a expectativa recomeçou. As paredes iam ser levantadas por fim.

Mariano não admitiu outra hipótese, pelo menos conscientemente: o Guimarães procurava colocar a sua cal. O que, de resto, pouco se lhe dava: antes que a venda se fizesse, a cal fosse carregada e o Crespo pagasse, o prazo da hipoteca acabaria. No fundo, o Guimarães trabalhava para aquecer; quando os fornos cumprissem as encomendas, já estariam na mão dos Paulos.

Mas o fulano não era tão parvo como isso; matara, em proveito próprio, dois coelhos duma cajadada: vendera a cal e conseguira um adiantamento. Aquele dinheiro não podia vir senão do Crespo.

Mariano Paulo foi a Corgos desfazer a hipoteca. Recebeu o empréstimo, os juros, e disse adeus aos fornos. Gastara meses irrecuperáveis; para nada; ali estava no mesmo beco sem saída. A ruína à porta. E ele, atordoado, a atirar cigarros quase inteiros ao chão, a pisá-los com raiva.

Esperava-o ainda outro dissabor. O Dr. Seabra trouxe-lhe da vila a notícia desoladora. O Guimarães andava por Corgos

a murmurar cobras e lagartos. Mariano Paulo não passava dum canalha. Contava a história dos fornos e carregava nas cores. Não era a primeira vez que os Paulos usavam processos semelhantes. Apanhar desgraçados com a língua de fora e exigir hipotecas fazia parte dos hábitos da casa. Desde o início, das primeiras patifarias de Silvério Coxo. Não faltavam provas nos cartórios. A quinta de Corrocovo nascera desse lodo moral.

O Dr. Seabra acrescentou:

— Aconselhei-o a acabar com a campanha: é uma indignidade, Guimarães, demais a mais tratando-se dum amigo; amigo?, não me faça rir.

Mariano Paulo ergueu-se:

— Pois diga-lhe que vou a Corgos meter-lhe pela boca dentro a bosta que me atira ao nome. Ninguém o obrigou a aceitar as minhas condições. Eu contei-lhe tudo, a si. Concordámos, realmente, que sendo o Guimarães um velho companheiro tinha direito a que o ajudassem. No entanto, concordámos também que estava em jogo a quinta. Tratava-se afinal dum negócio. E, posto o assunto neste pé, procedi com lisura. Tudo o que diz respeito à quinta é para mim um caso de legítima defesa. Entre o Guimarães e a minha vida não podia hesitar. Aliás, ele não fez nenhuma objecção à hipoteca.

O Dr. Seabra atalhou-o:

— Também lho recordei. Respondeu-me que tinha necessidade urgente do dinheiro e procurara já o Cosme, o Seixas, meio mundo, sem conseguir um chavo: foi quando o Paulo apareceu; que remédio senão sujeitar-me. E mais: esse traste sabia das dificuldades que eu atravessava, doutor, e surgiu no

momento preciso, como um abutre, com o velho instinto da família.

— Francamente. Se foi ele que me veio falar. Está bem, dê-lhe o meu recado. Que vou lá, que lhe ponho os ossos num feixe.

— Não lhe contei esta porcaria para você fazer um escândalo. Bem pelo contrário. A minha ideia era estudarmos a melhor maneira de chamar o Guimarães à razão.

— Tenha paciência. Questões destas, resolve-as cada um como entende. E eu entendo que um bom marmeleiro é o único argumento que ele percebe.

— Como queira. Mas você tem mais em que pensar: a quinta, uma solução para este trinta e um. Guarde o Guimarães para outra altura. Largos dias têm cem anos. Espere a ocasião. O seu dever agora é olhar por isto, é aqui, não é em Corgos à procura dum sujeito que lhe chamou nomes.

Mariano Paulo abrandava; concedeu que o Guimarães podia esperar; na verdade os seus problemas eram outros. O Dr. Seabra encorajou-o, prometeu-lhe um ano farto, garantiu-lhe que havia de encontrar uma solução melhor que a dos fornos.

Ficou para jantar. À despedida, Mariano acompanhou-o ao portão e foi-lhe assegurando:

— Mas vá ciente duma coisa, doutor. O Guimarães não perde pela demora.

XIX

Mal se tinham sumido os últimos ecos da batida ao aparecido dos matos, já outra notícia pasmosa corria a gândara. Afinal as aldeias pobres eram minas de oiro. Santo Deus. Tesoiros escondidos aos soldados de Napoleão. Barras, pulseiras, jóias, libras soterradas.

Por uma tarde de sol, o Miranda, que trazia jornaleiros na surriba, fechou a loja e veio vigiá-los. Chegou e logo o Tendeiro deu um grito, atirou a enxada fora e começou às cambalhotas. Os companheiros acorreram e ficou tudo estarrecido. O Miranda aproximou-se, curioso, enquanto o Tendeiro berrava:

— Estou rico, estou podre de rico, estou milionário.

Está doido, pensava o Miranda, afastando os homens. Mas viu; e o coração bateu-lhe no peito como um sino; ia caindo redondo no chão. A panela velha, aberta pela enxada do Tendeiro, rachara-se em duas e espalhara um monte ofuscante de libras. O Miranda recuperou o sangue-frio e ordenou:

— Para o trabalho. Eu trato disto mais o Tendeiro.

Mas os camponeses continuaram no mesmo sítio, mudos, com os olhos encandeados pelo oiro. O Miranda ia-os empurrando:

— Pago o dia, quero o dia ganho. Vamos lá.

Fitaram as libras uma última vez e foram andando. Passado o espanto, discutiam o caso. Uma besta, o Tendeiro. Tapava a panela com terra e calava-se. Depois, a noite é grande e o peso não devia ser tanto que o não carregasse em duas vezes. Mas não, pusera-se a gritar; para o Miranda, claro, cair em cima do tesoiro como o Zé do Telhado.

O merceeiro expôs a questão com firmeza:

— O que está na minha terra é meu. Mas como descobriste as libras tens o teu quinhão. Tira uma mancheia delas, mete-a no bolso, e vai cavando em volta. Quero o fundo dessa panela ao sol.

O Tendeiro assoou-se às costas da mão:

— Metade para mim. É a lei. Lembre-se que podia ter achado as moedas, calar-me como um rato e ficar com tudo.

O homem reclamava e o Miranda alarmou-se:

— Não passarias dum refinadíssimo gatuno. Poucas brincadeiras dessas. Quanto à metade, não sejas ambicioso. Tira a mancheia que te disse ou volto com a palavra atrás.

O Tendeiro deitou um olhar turvo ao homem que o roubava, com o à-vontade que se via, passando a mão na fazenda lustrosa do guarda-pó. Os trabalhadores andavam para o fundo da propriedade. Sumiram-se. Os pinhais, a aldeia, o céu, desapareceram. Ficou apenas à sua frente o pescoço gordo do Miranda. O pescoço engordou mais, e mais, e mais. Deitou-lhe as mãos calosas, apertou. A carne branca, flácida, fez-se vermelha; fez-se roxa; e não chegou a fazer-se negra porque o Tendeiro foi agarrado a tempo. Largou o pescoço do patrão com desgosto e pôs-se a chorar.

Os jornaleiros, debruçados sobre o Miranda, borrifavam-lhe a cara com a água das bilhas. O Miranda respirava mas não voltava a si. A malta olhava ora o oiro ora o rosto desfigurado do merceeiro. Acabaram por escolher a panela rachada. Justino apontou o corpo do Miranda e gracejou:

— Salvámos-lhe a vida, que diabo, sempre temos direito a uma moeda.

Contou oito libras, uma para cada um, e distribuiu-as. Bateu no ombro do Tendeiro:

— Lágrimas numa altura destas, homem? Tira meia dúzia de loiras e raspa-te antes que ele acorde.

O Tendeiro tirou a mancheia que o Miranda lhe marcara; os outros acharam demais e insurgiram-se; mas o Justino acalmou-os:

— Por mim, concordo. Foi ele que encontrou a panela.

O Tendeiro enfiou as libras nos bolsos do colete e indicou o Miranda:

— Se calhar, matei-o.

O Catrouxo pegou outra vez na bilha:

— Descansa que ele ressuscita.

Despejou a água toda, do mais alto que pôde, e o Miranda estremeceu. Daí a nada abria os olhos, devagar. Os jornaleiros consolaram-no:

— Vá lá que andou com sorte. O tipo ia-lhe dando cabo do canastro.

O Miranda, abismado, apalpou o pescoço ao de leve, com a ponta dos dedos, e perguntou numa voz que os jornaleiros mal entenderam:

— Onde está ele?

Apontaram-lhe o vulto do Tendeiro, que se perdia ao longe nos pinhais. O merceeiro articulou dificilmente:

— Um assassino. Há-de pagar-mas nem que seja no inferno.

Deixou tombar a cabeça para o lado; mas de repente ergueu-se, apoiado nos cotovelos, rouco:

— E o oiro? As libras? Ele levou-as?

A notícia correu. O chão da gândara, bastava esgaravatar no sítio certo e aí estavam as minas ao sol. Pesquisadores surgiram dum instante para o outro, cavando noite e dia, revolvendo o areeiro. A bruxa do Albocaz sugeria os poços, as paredes velhas, como esconderijos:

— Procurem nas rachas dos adobos.

Quando vinha à quinta, o Dr. Seabra protestava:

— Veja essa pobre gente a arrasar os muros, a desmantelar os poços, por ordem duma bruxa. Estamos na Idade Média, Mariano.

O amigo, para o ouvir, dizia:

— Mas as libras do Miranda existem.

— Um caso isolado. Não generalize, não confunda a árvore com a floresta. Nada mais natural, por exemplo, que um avarento tenha enterrado as suas libras e morrido sem poder recolhê-las.

— Talvez seja oiro do tempo dos Franceses, dos homens de Napoleão. Passaram por aqui, deixaram uma milícia nos Campanas. A gente rica enterrava o que tinha para fugir à pilhagem. Se assim foi, há mais probabilidades de existir a floresta do que a árvore solitária.

— Não quero ofendê-lo, mas você parece o Guimarães a raciocinar. A propósito, a campanha esmoreceu, não pense mais no assunto.

— Penso. O prometido é devido: racho-o na primeira altura que o vir.

— Adiante. Como ia dizendo, o seu raciocínio não está certo. Mal os Franceses partiram, é evidente que os tesoiros foram desenterrados. Ou então levaram-nos eles, depois de torturar os donos e apurar onde os tinham escondido. Claro como a água.

— Rendo-me, doutor.

Firmino assistiu a parte da conversa, baralhou alhos com bugalhos e foi para a quinta garantir:

— É oiro dos Franceses. Há-o por aí aos montes.

Ninguém sabia quem eram os Franceses, nem queria saber. Semearam a gândara de libras? Fizeram muito bem. Se calhar estavam a pensar em nós. E os pesquisadores teimosos continuaram.

Lobisomem arrastou-se ao casarão para falar a Mariano Paulo. Também trazia a sua ideia:

— Venho pedir-lhe uma enxada. Tenho oiro enterrado no chão da cabana.

Mariano Paulo desiludiu-o:

— Não acredites nisso. De resto, com a perna assim, não podes trabalhar.

Ora. Lobisomem arqueou o peito:

— Cavo de rastos, se for preciso. Ali há oiro, aposto a outra perna.

Quando voltou à quinta, dias depois, confidenciou:

— Na cabana, o oiro está fundo, sim senhor, mas em secando a lagoa trago-lhe um poceiro de presente. Deixe-me a enxada mais uns tempos.

O Miranda convalescia. Sentava-se na cama e ordenava à mulher:

— O baú para aqui.

Mexia e remexia as libras, pegava nelas, atirava-as ao ar, deixava-as cair no cobertor. O cintilar rumoroso das moedas fascinava-o. Depois, contava-as cuidadosamente e propunha:

— Vê lá se acertas quantas são.

A mulher fitava todo aquele fulgor e arriscava:

— Talvez um cento, talvez mais.

O Miranda sorria:

— Nem tanto, alma de Deus. Corta-lhe um pouco e torna a dizer.

O quarto enchia-se de sombra. Só o baú aberto luzia na obscuridade. Como ela não acertasse, o Miranda fechava-o:

— Põe-no debaixo da cama; amanhã hás-de tentar outra vez. Agora vai à loja, vigia-me o garoto. Atenção ao tabaco. E o Tendeiro, partiu para o Ribatejo ou não? Se o apanho cá, malha com os ossos na cadeia.

Aos domingos o padre Alípio de S. Caetano vinha prègar à capela de Corrocovo:

— Se houver oiro na terra, deixem-no onde está. Quero almas limpas da cobiça. O verdadeiro oiro é Cristo.

XX

A luz da candeia, quando muito, alcançava os pés da cama. A seguir, numa zona indecisa, onde a penumbra ia ganhando palmo a palmo a consistência da sombra, Guilhermina adivinhava os objectos pelo hábito: a mancha esbranquiçada do lavatório, uma cadeira, o armário de pinho. Ao fundo, o quarto mergulhava no escuro. Se a chama oscilava ou o fumo a enegrecia tudo isto se tornava porém incerto e trémulo.

Guilhermina bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas. Duas? Três? O relógio da torre desarranjado. Há meses. O silêncio da noite; viandantes pelas azinhagas; luar a cair sobre areia. Outro bocejo. Hilário, que dormia enfim mais sossegado, suspirou.

Quieta, para o não despertar. As pálpebras pesavam-lhe. Soprou a candeia, fechou os olhos. Talvez o sono viesse.

Pela madrugada, Hilário perguntaria antes de sair:

— Queres agora?

Passava ali noites e noites sem ela querer. Teimava, metia--se na cama, inofensivo como uma criança. À menor tentativa, Guilhermina atalhava:

— Não penses nisso. Vê se dormes.

Nem sempre o recebia. Marcava encontros a jornaleiros e, se Hilário aparecia também, pior para ele. Que o jornaleiro

lá estivesse ou não, tanto fazia. Não estando, havia de chegar. Deixava Hilário bater, pedir, ameaçar, e surgia por fim, de candeia na mão, com um ar de mistério e a resposta que se dá aos mendigos:

— Tem paciência. Vai com Deus.

A porta entreaberta um momento. Alguém no quarto, na penumbra? Não podia saber, a luz da candeia ofuscava-o. E à cautela, receoso de esbarrar com algum brutamontes, virava as costas, desistia. Uma artimanha da rapariga. Que dava resultado.

Hilário escolhia um recanto de sombra e aguardava. Noite perdida vigiando até os olhos lhe doerem quem entrava ou saía. Às tantas, um vulto escoava-se da porta de Guilhermina. Saltar-lhe em cima, dar-lhe dois abanões, obrigá-lo a mostrar a cara. Era o que tinha vontade de fazer, mas não fazia. Limitava-se a ranger os dentes. O vulto sumia-se na esquina. Começava a segui-lo, de longe, parando se o via parar. No bico dos pés, para abafar os passos. Dissimulado contra as paredes.

Uma vez trocaram-se os papéis. Escorregou no cascalho solto e o barulho deteve o visitante de Guilhermina a meio da quelha. Uma figura talhada no luar. Enorme. Arrastou-se pela valeta até ao escuro dum casebre. A figura avançou:

— Quem está aí?

Voz áspera, tamancos rudes. Susteve a respiração. Talvez a sombra lhe valesse. E de facto valeu. O outro passou sem dar por ele. Era o Catrouxo, trabalhador do Miranda.

Sentou-se no rebate da porta. O cabelo encharcado, o suor a pingar-lhe da testa, como se estivesse a chover. Qual Catrou-

xo. Uma avantesma, um lobisomem, com a lua por trás. Tentava enganar-se, claro. O certo é que tinha andado de rastos pelo chão onde o Catrouxo assentara os pés como um rei.

O susto durou alguns dias. Depois, Hilário continuou a rondar. Cuidadoso, mais colado à sombra. E uma única ideia: descobrir entre os fregueses de Guilhermina um trabalhador da quinta. Pagaria por todos. Via-o já de joelhos, a rogar-lhe:

— Não me despeça, não me desgrace.

Arranjaria maneira de o pôr a andar. Naquilo, a obrigação do pai, que tanto bramava contra Guilhermina, era dar-lhe apoio. Sim, pelo menos naquilo. Esperava, embuçado no escuro, seguia cada um dos jornaleiros a casa. Gente do Miranda quase sempre. E outros que não pudera reconhecer. Fugiam pelos quintais, perdia-lhes o rasto. Homens da quinta, já se vê.

Até que chegava o ajuste de contas com Guilhermina:

— És a cabra das cabras. Não há par de calças em Corrocovo que não tenha passado por esta cama.

Batia o pé, numa espécie de birra, ameaçava:

— Antes Deus te matasse. Deus ou eu. E olha que pode acontecer, pode faltar-me a paciência um dia destes.

Logo a seguir, arrependia-se. Era incapaz de lhe tocar, procurava só o alívio que as palavras traziam, pouco a pouco:

— Não te queria ofender.

E acabava com o pedido habitual, que mudasse de vida, que fosse apenas dele. Quase conseguia sorrir:

— O que tenho a fazer é trocar-te a fechadura da porta, dar a volta à chave e guardá-la no bolso. Assim, só entro eu.

Guilhermina desatava a rir, os cabelos loiros fulguravam:

— E o resto? Não te esqueças do resto. Uma blusa de quando em quando. Um cordão de oiro.

Saltava-lhe ao pescoço. Nessa altura, porém, Hilário recordava os sermões do pai. Nem de propósito:

— Viras as costas e esse coirão come o que lhe dás em pândegas com jornaleiros.

Jornaleiros, saídos daquele quarto, daquela cama, para voltarem com o seu cheiro de estrume. Sempre. E afastava-se dela.

Outras vezes, a saliva ardente da rapariga inibia-o. Não sabia porquê. Um pressentimento, um aviso obscuro de que estavam a macular qualquer coisa. Talvez fosse melhor não saber.

Guilhermina gritava:

— Percebes agora porque preciso de homens?

Furiosa, dum lado para o outro:

— Porque és um desses machos de quando o rei faz anos.

E, de repente, estendia o braço:

— Rua. A porta é ali.

O sono perpassava por ela, tocava-lhe de manso. Que horas seriam? Quatro? Cinco? A noite nunca mais acaba. Luar e areia. Tudo cor de cal. Não pode ser. Há uma ponta de azul no céu que a lua não consegue caiar, dê as voltas que der. Camadas e camadas de luar. Está bem, mas não fica branco. Iria adormecer? Como, se tinha as pálpebras mais leves, a cabeça desperta?

Riscou um fósforo e acendeu a candeia. A luz caiu sobre o rosto de Hilário. Magro, contraído. Uma expressão de criança que adormeceu com medo. Estaria a sonhar? Se está, o sonho não é bom.

Voltou-se para ele, acordou-o:

— Queres agora?

Hilário, surpreendido, esboçou uma carícia, suspendeu-a logo. Os dedos mal tocaram a ponta do mamilo. Ela segredou:

— Não sejas parvo. Aproveita.

A mão de Hilário continuava hesitante. Então, a rapariga soergueu-se na cama, arqueou o busto, aproximou-se devagar. E o seio entrou suavemente na concha da mão.

XXI

Ao fundo da quinta, havia um pedaço de terra barrenta. Os garotos esgueiravam-se entre as vedações de cana e passavam as tardes a modelar bonecos, a atirar a argila pegajosa à cara uns dos outros.

Mariano Paulo reparou por acaso nos pequenos poços vermelhos que a criançada escavara e um novo projecto se esboçou ali mesmo: utilizar o barro no fabrico de telha ou coisa semelhante. A salvação da quinta tornara-se uma ideia constante, obsessiva. Não deixaria escapar nenhuma ocasião de manter intacta a herança dos Paulos.

Ao longe, o sol do fim da tarde incendiava as serras: a fraga a arder recortava-se no céu; o povo daqueles sítios morreria na fogueira medonha; os maciços de árvores, erectos cresciam sobre o dorso da montanha como as línguas das chamas. Para cá, o campo raso estendia-se em pinhais cerrados e terras de cultivo. Salvo do incêndio, vinha até Corrocovo, com as suas aldeias crepusculares, entrevistas através dos ramos. Ouvia-se o rumor indistinto, vago, do fogo que calcinava as penedias. Ou então seria apenas um pouco de vento, ao longe, entre as árvores.

O projecto entusiasmou Mariano Paulo. Fabricar materiais de construção, criar uma indústria, aguentar-se. Nos dias se-

guintes, ele próprio e Firmino fizeram sondagens ao terreno, cavando como dois jornaleiros, averiguando o tamanho da camada argilosa. Resultados encorajadores. Nem sempre o diabo está atrás da porta. Os fornos do Guimarães tinham falhado, mas aquilo parecia ser uma saída viável. Consultou o Dr. Seabra:

— Há barro com fartura ao fundo da quinta. Barro de boa qualidade. Que diz o senhor a um forno, uma fabriqueta de tijolo e telha? Calculo que me custe uns cinquenta contos. O meu último dinheiro, aliás.

— Temos de ver isso com calma.

— A quinta não me dá para as despesas. Os encargos sobem todos os dias, a terra envelheceu, farta de sementeiras. Preciso de explorar este filão de barro como se explorasse uma mina. Em verdade, não me resta mais nada.

— Mas a argila será realmente boa? Depois, é forçoso contar com verbas suplementares: um técnico de fora, caro, já se vê, dinheiro para manter a fábrica antes do produto estar lançado, etc. E mais: arranjar mercados, sustentar a concorrência, eu sei lá. Um bico de obra.

— Talvez, doutor. De qualquer modo, já estou metido numa camisa de onze varas, num inferno de trinta caldeirões. E para quê? Para andar de mal a pior. Junte-lhe o Hilário, que não mexe uma palha, não se rala com nada, e diga-me que diabo hei-de eu fazer.

Calou-se. O Dr. Seabra enrolou o cigarro, acendeu-o. Expelindo o fumo com lentidão, fitava Mariano. As paredes do casarão escorriam humidade. E veneno. Respirava-se um

ar doentio, morria-se antes do tempo, enlouquecia-se: Hilário, D. Conceição, o velho Paulo. Outro cigarro; pobre Mariano:

— Vamos pensar a sério nessa história da fábrica. É arriscado, mas se não vê outro caminho experimenta-se.

Tinha de o ajudar porque Hilário, não há dúvida, ajudava pouco. Melhor, desajudava. Um jeito especial para levantar problemas diante dos pés como um perdigueiro levanta perdizes. Ultimamente, implicava com os trabalhadores sem nenhum motivo. O Dr. Seabra aconselhava-o:

— Não atormentes essa gente. Já lhes basta o que basta. Não arranjes sarilhos e pensa um pouco no teu pai.

— Se o senhor passasse e meia dúzia de cães lhe ficassem a rosnar nas costas, o que é que fazia?

— Deixava-os rosnar. O teu pai não pode perder tempo com questiúnculas idiotas. Tem mais que fazer. Se não queres dar-lhe apoio, dá-lhe ao menos descanso. Está a defender o teu futuro. Ou não percebes isso?

Hilário desceu a rampa, de chibata na mão, fustigando com fúria as folhas dos canoilos que se estendiam para o caminho estreito.

O Dr. Seabra continuava a fitar Mariano; achava-o mais preocupado: uma tensão imóvel, concentrada; e, num dos seus impulsos de amizade, decidiu-se:

— Concordo com a fábrica. Meto o meu dinheiro no empreendimento. Não é muito mas sempre empurra. Se for preciso, arranjo capital por fora. Há bocado falei-lhe de prudência, dificuldades, não sei quê. Pois antes me tivesse calado. O essencial aqui…

E deixou-se arrastar pelo próprio discurso; como era hábito, de resto; formulou projectos, divagou, juntou a sede à vontade de beber, até que Mariano, entusiasmado, deu um murro na mesa:

— Deus o oiça. Vou-me a isto com unhas e dentes.

XXII

Dias depois, o Dr. Seabra voltou a Corrocovo. Maria dos Anjos informou-o que o patrão andava para o fundo da quinta com os pedreiros. O Dr. Seabra desceu, pasmado da rapidez com que Mariano Paulo estava a resolver o assunto. Ia andando e via de longe as paredes da fábrica que rompiam da terra: um barracão comprido, espaçoso, traçado à beira dos poços barrentos.

Os pedreiros assentavam os adobos com grandes chapadas de cal e areia. Mariano vigiava o trabalho. Não queria erguer um palácio. Bastavam as paredes alvoradas, cobertas de telha francesa da Pampilhosa. Nem rebocos, nem caiação, nem vidros. Chão de saibro batido, janelas de madeira ou gradeamentos de ferro, conforme os orçamentos.

O Dr. Seabra estendeu-lhe a mão:

— Você, lá perder tempo não perde.

Mariano apontou as obras:

— Daqui a quinze dias estão prontas. Há uma dificuldade: o forno. Duvido que esta gente o saiba construir. Mandei chamar o Rosado de S. Caetano. Um especialista. Em Corgos, quase todos os fornos de cal foram feitos por ele.

O Dr. Seabra concordou:

— Muito bem, Mariano. E agora, outra coisa: falei ao Cosme rico; achou a ideia boa e ofereceu capital. Devemos aceitar. Diminuem os riscos da nossa parte…

— E diminuem os lucros. Não, doutor. Vamos ganhar dinheiro com a fábrica. Ninguém me tira isto da cabeça. O melhor é jogarmos sozinhos.

Hilário, que vagueava pela quinta, aproximou-se:

— A fábrica progride. Já viu, doutor? Os primeiros fregueses devemos ser nós. O casarão tem o telhado todo esburacado. E os seus beirais, lá por Corgos? Desconfio que as vendas ficam por aqui. Que lhe parece, pai?

Um pedreiro veio chamar Mariano Paulo. Queria saber com que largura deixariam o portão do fundo. O Dr. Seabra encarou Hilário:

— Sempre o mesmo feitio. Quantas vezes será preciso explicar-te…

— Chega de sermões. Esta fábrica é uma asneira. Vontade pura e simples de estragar dinheiro. Se a ideia foi sua, felicito-o.

O médico tentou dominar-se, mas não conseguiu:

— Assim o queres, assim o tens. Limpa as orelhas e ouve. Venho a Corrocovo há dezenas de anos, tive alguma influência na tua vida, tratei-te desde que nasceste, servi-te de ama seca, aturei-te. Sinto autoridade bastante para dizer que lastimo o tempo que perdi contigo. Não mereces as preocupações do teu pai, nem a minha amizade, nem o sacrifício da tua mãe, que morreu para vires ao mundo. Não mereces nada.

Hilário riscava o chão com a biqueira da bota. Em frente, os pedreiros erguiam as paredes da fábrica; os serventes carre-

gavam adobos sobre adobos. Não tardaria muito que pedreiros e serventes precisassem de andaimes. O edifício crescia, dentro de quinze dias estaria pronto; o Rosado de S. Caetano viria construir o forno; Mariano Paulo contrataria um técnico que fiscalizasse o barro, a cozedura, os pormenores do fabrico. Os serventes e os pedreiros trabalhavam com a cara salpicada de cal. A última cartada de Mariano Paulo jogava-se ali, nas paredes que subiam à pressa.

Hilário suspendeu bruscamente o movimento do pé:

— Quer dizer que a matei?

O Dr. Seabra não esperava a pergunta e reconheceu que fora longe de mais:

— Não deturpes as coisas.

— Foi por isso então que nunca me contaram a verdade e é por isso, claro, que todos me odeiam. Mesmo o hipócrita que se atreveu a meter outra mulher na cama onde ela dormia.

— Não fales do teu pai nesses termos.

— Deixe-se de tretas, de palavras solenes: preocupações, amizade, sacrifício. Sacrifício, porquê?

O Dr. Seabra respondeu com grande esforço:

— Porque morreu de parto. Mas não quis insinuar que fosses responsável. Devo dizer-te, para sossegares a consciência, que num caso em que tenha de sacrificar-se a mãe ou o filho, o médico sacrifica sempre o filho. Já vês que interpretaste mal o que te disse. De resto, naquela noite, o problema foi outro: uma hemorragia difícil de estancar. Chamaram-se mais médicos, tentou-se tudo, mas pela madrugada, pouco depois de o padre Alípio lhe dar a extrema-unção, a tua mãe morria. Tu

berravas lá dentro, no berço, e lembro-me perfeitamente que o amanhecer fazia da janela um rectângulo azul gelado, um bloco de neve tingida, que eu fitava sem saber porquê, enquanto ela dizia as últimas palavras. Queria ver-te, mas quando apareceram contigo era tarde. Ainda hoje tenho a impressão de que a neve da janela passou de azul a negra. O mais provável, contudo, é que fosse dos meus olhos. Estava, de facto, cansado.

Como agora; a sua voz escurecera:

— Não sei. Mas sei duas coisas certas: que a chorámos sem hipocrisia e que não devia ter falado disto. Às vezes precisava que me cortassem a língua. Aí tens.

XXIII

É um dia quente de fim de agosto. A terra escalda e as poucas leiras de milho que restam na planície têm a cor torrada das folhas secas. As eiras estão já cobertas de espigas.

As terras lavradas ficaram nuas. E os vinhedos esperam a vindima. Ranchos de trabalhadores cortarão a uva até outubro. Quando as vinhas ficarem nuas como as terras lavradas, o outono acaba. As primeiras chuvas cairão. E então, as folhas mortas apodrecem para serem levadas na força das águas.

O sol estala no tojo, no lombo das cobras. Os pássaros sonolentos arriscam um voo breve e mergulham outra vez na sombra. Frescura, só a dos ramos dos pinhais.

Nas leiras mais distantes, os trabalhadores da quinta apanham o último milho; carros de bois sobem com a carga das espigas; um canto desgarrado de mulher vibra na tarde e faz o dia triste. Perto do casarão, a égua da charrete pasta uma erva miúda, que a sombra das paredes protege da torreira. A meio da rampa, as galinhas aproximam-se do poço. Durante as regas, sempre caiu no chão alguma água dos alcatruzes. Humidade. E quem diz humidade, diz minhocas. Mais ao longe, os jornaleiros tiram o chapéu, sacodem o suor da testa, dobram-se outra vez sobre o milho. Eles o semearam e abriram os regos

por onde a água chegou às raízes dos canoilos. Colhem-no agora atirando as espigas arrancadas para os largos poceiros. Mais tarde, hão-de malhá-lo nas eiras, levá-lo às tulhas de Mariano Paulo, acamar os sacos nas carroças dos armazenistas de Corgos. Aí, perdê-lo-ão de vista. Tornarão a encontrar algum quando pagarem, nas feiras e nas lojas, os lucros duvidosos de Mariano Paulo e os lucros certos dos armazenistas; dos comerciantes que os armazenistas dominam; e doutros homens mais poderosos que dominam os armazenistas.

Firmino caminha para o fundo da quinta. A rampa faz uma curva apertada e, de súbito, a casa da fábrica, sem caiação, de adobos nus, surge por entre os pinheiros deixando escapar para o céu da tarde a fumarada do forno.

Firmino sorri. A telha vai endireitar, até que enfim, o barco de Mariano Paulo. Chegam encomendas todos os dias. Três homens escavam a saibreira, alargando os veios do barro; a argila endurece nas formas; a telha empilha-se nos alpendres, escoa-se aos ombros dos carregadores para os taipais dos carros que a levam aos recantos da gândara.

Mariano Paulo parece outro. Por aquele andar, o capital que empregou será reembolsado ao fim de dois anos. Firmino olha a fábrica e sente que uma vida nova nasce das paredes descarnadas, dos poços abertos na terra vermelha. A má sina dos Paulos começa a dar meia volta, a afastar-se. Hora a hora, em cada golfada de fumo que sobe enegrecendo a rama dos pinheiros.

Quando Firmino transpõe o portão da fábrica, o ar a ferver entra-lhe nos olhos, na garganta. Tosse e, de passagem, bate

amigavelmente no ombro do homem encarregado do forno. O outro volta-se, crispado, coberto de suor.

Lá fora, a tarde cai sobre Corrocovo. As aves saem por fim das árvores e voam de encontro ao sol quase a tocar o horizonte. No silêncio da planície, só a mesma cantiga monótona ecoa. Uma voz de mulher. Exausta, triste.

XXIV

Mariano Paulo acendia o cigarro e recostava-se na cadeira de lona à sombra da velha nogueira de Silvério Coxo. Era domingo. Na fábrica parada, nenhum rumor. O trabalho, interrompido sábado à noite, recomeçaria apenas segunda de manhã. Uma quebra apreciável de rendimento.

Desde o início que a telha se vendia bem. As encomendas aumentavam dia a dia, o fabrico tornava-se cada vez mais rápido. Não fora preciso contratar o técnico que o Dr. Seabra aconselhara. Os camponeses aprendiam a fazer as coisas com facilidade. O Rosado de S. Caetano construíra o forno, ficara uns dias a dar as indicações convenientes, a controlar as primeiras tentativas, e Firmino pusera-se logo a par do assunto. A telha saía, a cada nova fornada, mais perfeita, mais sólida. A argila, tirada agora duma fundura de dez metros, vinha quase limpa de areia.

Algumas experiências, poucas, e assentou-se num processo definitivo. Produção a pleno fôlego, livre de embaraços; descontando, claro, os aborrecidos atrasos dos domingos. Mariano Paulo ponderava a necessidade de os remover. Falaria nisso ao Dr. Seabra, resolveriam a questão.

E pronto. Ali estava a grande ocasião de pôr as suas coisas em ordem. Melhor, sem dúvida, que os fornos do Guimarães.

Entrevia a fábrica térrea, meio escondida pelos pinheiros. Se os Paulos já mortos andassem por ali, discretos e atentos, pisando a sua velha quinta, sentir-se-iam orgulhosos dele.

A paz e a abastança antigas voltavam de novo ao casarão. O milagre da telha pagaria com juros as desgraças passadas.

Apenas uma sombra naquela ressurreição: Hilário. Mariano Paulo franzia a testa; corriam dois, três minutos; e erguia os ombros resignado.

Em resumo:

a) finanças quase restauradas; pensando bem, a ideia de associar o Cosme rico à fábrica, como o Dr. Seabra desejava, talvez a transformasse numa unidade industrial de certo poderio, sobretudo se enveredassem pela produção doutros materiais: tijolo, por ex.; recusara de início, porque lá diz quem sabe: grande nau grande tormenta, mais vale um pássaro na mão, etc.; mas era um problema a rever;

b) aspecto familiar: a convivência de Hilário, difícil, impossível; havia num dos pratos da balança grandes atenuantes para o rapaz: a saúde frágil, sempre adoentado; e, não era favor reconhecê-lo, a aridez da infância, a falta da mãe; abandonei-o, entreguei-o a Palmira e foi como se o obrigasse a atravessar um deserto, sozinho; mea culpa; no outro prato, porém, a preguiça, o comportamento com Guilhermina, o desinteresse pela quinta, o feitio quezilento, talvez pesassem mais; não sei; procuraria melhorar as suas relações com ele, embora não acreditasse muito; em todo o caso, tentaria; a felicidade nascida no declinar da vida, como a aragem fresca do entardecer que passa pelos campos queimados ao sol duma tarde inteira, precisava disso para persistir;

c) lado sentimental: Maria dos Anjos fazia parte da harmonia tanto tempo esperada; recordava a chegada da rapariga ao casarão lutuoso, as vezes que hesitara em metê-la na cama e, por fim, a noite inevitável; basta que a memória ceda apenas um momento para os mortos estarem perdidos; Deus sabe que não exagero; quero-a por simples apetite, como o pão, o vinho, o sono; não distingo a ternura do resto; e a ideia da véspera, de há anos, surgia-lhe mais nítida: casar, dar-lhe a compensação que merecia;

d) para terminar: Hilário não era o herdeiro que sonhara; a pesada herança dos Paulos exigia ombros fortes de alguém capaz de confundir a quinta com a vida; um filho de Maria dos Anjos; da terra, mais exactamente.

Eis o balanço, o deve e haver actual. A partir dali, o ponto de facto importante era falar do casamento a Hilário. Falaria: e o que for soará; mas não julgues que prescindo desta última luz; começa a anoitecer para mim, percebes?

XXV

Acabam de jantar. Não trocaram ao todo meia dúzia de frases. Maria dos Anjos levanta os pratos, os talheres. Deita um olhar irónico a Hilário; e outro, repreensivo, a Mariano Paulo: então, tratas ou não tratas do assunto?

Mariano Paulo está nervoso. A mão treme-lhe ao erguer o cálice de aguardente; enruga as sobrancelhas; procura as palavras, hesita, não gosta de discursos. Mas por fim lá se decide: o melhor ainda é pôr os floreados de parte e Hilário que entenda como quiser. Ergue-se da cadeira, dá uma volta à mesa:

— Tu sabes o que tem sido a minha vida, a nossa vida...

Já não era sem tempo. E Maria dos Anjos sai da sala.

Vem lá de fora um cheiro a estrume, a fruta quase podre, que faz palpitar as narinas de Hilário. O pai aproxima-se, poisa-lhe a mão no ombro:

— Bem, pensei que me devia casar. Não vejo maneira de trazeres uma mulher para dentro destas paredes e é preciso alguém que governe a quinta quando desaparecermos os dois. Uma herança como a dos Paulos tem de perdurar para além das pessoas, de tudo o que passa. É minha obrigação velar por isso. Espero que o entendas.

Afasta-se em direcção à janela e continua a falar, de costas:

— Enfim, não sou para discursos. Acho que a Maria dos Anjos me convém.

A figura espadaúda de Mariano Paulo recorta-se no céu enluarado, quase branco; Hilário observa-o em silêncio.

— Sei que a memória da tua mãe é uma coisa preciosa, mas não somos nós que fazemos a vida.

Do fundo da aldeia sobe um latir de cães; no pátio ouve-se o vaivém de Firmino, a fechar a adega, a levar erva aos animais.

Mariano volta-se e encara o filho:

— Talvez aches que há nisto um pouco de egoísmo. Realmente, não sou perfeito. Mas, para lá do que possas julgar, é neste chão, nesta casa, que eu penso.

Hilário vê um pedaço de céu, as estrelas que brilham sobre a duna e às vezes se perdem num rasto de luz. Ali está uma coisa útil que aprendeu em S. Pedro. Pode explicar a Firmino que as estrelas não caem na terra, se fragmentam e somem pelo espaço. Quando muito, chega até nós do alto um pequeno detrito sideral, uma coisa de nada, Firmino. E mal tu supões que as estrelas continuam a brilhar depois de mortas. Como aqueles que não esquecemos.

O caseiro anda pelos currais a cuidar do gado. Se uma estrela desaparece, formula um desejo. Coisa pedida é coisa cumprida, aprendeu ele em criança:

— E Deus nos guarde de fogo tamanho cair em Corrocovo. Ficava tudo cego e ateava-se o lume nos pinhais.

Mariano pergunta:

— Então, que dizes tu?

Na voz de Hilário há um laivo de rouquidão:

— Nada. Aliás, que lhe importa o que eu digo?

Levanta-se e, ao sair da sala, acrescenta:

— Obrigado pela participação do casamento.

No quarto, o mesmo ruído antigo de ratos e madeira a estalar, quando Palmira vinha apagar-lhe a luz e ele queria saber se o retrato da mãe estava parecido. Senta-se na cadeira de verga, perto da janela. Um último rumor de aldravas puxadas por Firmino é o sinal de que a noite se apoderou do casarão.

Aguarda, imóvel, que Maria dos Anjos passe para a cama de Mariano Paulo. Ouve-lhe por fim os chinelos discretos. Ancas largas, sólidas, peito para dar mama a Corrocovo em peso, Maria dos Anjos pode parir uma dúzia de filhos. E vai pari-los, com certeza, para o prejudicar. Lá se desfaz a teoria de Mariano Paulo, lá se esboroa a quinta.

A luz acende-se no aposento do pai. O barulho da água despejada no balde significa que a pega se lavou e pouco tarda que volte ao próprio ninho, depois de conspurcar o alheio. Hilário levanta-se, atravessa o corredor no bico dos pés, empurra a porta do quarto dela e entra.

A rapariga surge, em camisa de noite, os cabelos negros desfeitos, e a obscuridade, tocada por uma ponta de luar que atravessa a vidraça, dá-lhe de repente um ar irreal, uma tonalidade quase azul, como se Hilário a visse perpassar num sonho ou a visão viesse do passado, donde esperara sempre um regresso como este.

Sente apoderar-se dele, que ainda há pouco a julgava nos termos mais soezes, uma grande pureza, a paz dum berço acalentado, qualquer coisa assim. Esquece a ideia que o trouxe: vê,

não se deita só consigo, mas agora protesta, é uma noiva exemplar, e quando a rapariga se dirige à mesinha de cabeceira, murmura:

— Não fales, não te mexas.

Maria dos Anjos, sobressaltada, risca um fósforo, acende a vela:

— Quem lhe deu ordem de entrar?

Hilário fecha os olhos um momento e torna a abri-los vagarosamente. Confundiu-a com alguém desconhecido, com um desejo tão fundo que não pode dizer ao certo o que é.

Na sua confusão há ódio outra vez, mas sobretudo sentimentos larvares, que sempre ignorou, e se chocam, transformam, vão ganhando pouco a pouco a têmpera de um único instinto, pesado e inadiável, que o domina sem ele querer.

Ei-la, sob a camisa leve, com o cheiro do leito donde vem e as olheiras da fêmea que deixou o homem há pouco.

— Já uma vez te pedi que dormisses comigo. Lembras-te?

Dói-lhe o que diz, o que faz, mas não pode evitar as palavras, os gestos, que lhe parecem ordenados há muito:

— Tem de ser agora, compreendes?

Estende os braços, mas a rapariga consegue fugir-lhe:

— Pare ou desato a gritar.

E como ele a persegue, sonâmbulo, de olhos fixos, esbofeteia-o com toda a força. Hilário vacila e deixa-se empurrar para fora do quarto.

A porta, ao fechar-se, acorda-o dum pesadelo indecifrável.

XXVI

Foi então que a grande estrada que descia da vila começou a aproximar-se de Corrocovo, a abrir-se por entre o mato, a deitar pinhais inteiros ao chão. Apareceu em frente da aldeia o piso certo de saibro e pedra. E a multidão de britadores, homens de picaretas, pás, enxadas, com a ajuda dos cilindros enormes, enfiou a estrada ao meio do lugar.

Negociantes, porqueiros, carros de milho, fruta, couve, gados e celeiros, passavam agora em Corrocovo, na estrada nova, para as feiras da vila. Gente de léguas em redor subia e descia com a riqueza da gândara nas manhãs e anoiteceres de feira.

E a gatunagem apareceu na embocadura das azinhagas, a assaltar e a espancar negociantes, a tresmalhar o gado. Abriam os taipais dos carros, enxotavam os bois, os cavalos, e os sacos soltos caíam no caminho.

Vinha a guarda de Corgos, fazia rusgas, metia parte da escumalha na cadeia da vila. Mas Corrocovo só entrou na ordem com o tiroteio do Albocaz. Nessa noite, os homens fardados atiraram a matar sobre a quadrilha surpreendida e cercada. Os homens de Corrocovo defenderam-se à pedra, a cacete, e foram mortos, feridos, aprisionados, quando a lua rompeu por

trás das nuvens. Estavam em campo raso, sem abrigo e sem armas. O luar fizera dos seus vultos o alvo seguro das carabinas.

A estrada continuou a rolar pela gândara. De lugarejo a lugarejo, as distâncias ficavam mais curtas. A exploração ia começar a fundo. Os armazéns, o comércio de Corgos e, através deles, os grandes negociantes e industriais das cidades, lançavam pela estrada nova as furgonetes, os camiões de carga. Escapes ruidosos assustando pássaros e gado. Agora, sim, a vila comia Corrocovo com comodidade: a comodidade dos motores e dos pneumáticos de importação. Uma enorme engrenagem de interesses punha-se em movimento, invadia o areeiro dos camponeses; Ford, Rockefeller, Shell, Renault, equipavam Corgos para aquela marcha; e Corgos, na companhia da gente poderosa doutras regiões, começava a marchar, com firmeza.

A fábrica de Mariano Paulo estava condenada. O restrito mercado que tinha fora devassado. Às aldeolas ermas, onde a telha de Corrocovo se vendia, chegava a concorrência das grandes indústrias. As fábricas da Pampilhosa descarregavam a telha, nos povoados obscuros, mais barata que a do forno da quinta. Tomados em conta os lucros dos revendedores, as despesas de transporte, sobrava ainda margem para uma guerra de preços. Mariano Paulo não podia aguentar o desafio. A pequena indústria ia ser desmantelada e, conseguido isso, a empresa mais forte ficava sozinha em campo. A subida de custo far-se-ia, depois, livremente.

O Dr. Seabra vira o perigo ao primeiro relance e confessara-o a Mariano Paulo. Admitia até que a Pampilhosa estivesse a vender com algum prejuízo. Por enquanto, claro. O velho processo de perder um pouco a princípio para ganhar tudo no fim.

Mariano apertava as mãos na cabeça. A venda diminuía, as encomendas escasseavam. Abria uma janela do primeiro andar. A fábrica via-se melhor dali: nada menos de cinquenta contos enterrados naquela brincadeira. E no momento exacto que o negócio começava a dar algum lucro, vinha uma estrada do inferno trazer a morte ao casarão. Custava a acreditar; mas os livros da escrita descobriam, dia a dia, o descalabro; e a voz do Dr. Seabra, sempre confiante, ecoava agora insegura na sala:

— Não há nada a fazer.

Como se falasse duma doença incurável. Mariano Paulo deixou-se cair no cadeirão. A última esperança, o último dinheiro, a luta feroz para conservar as leiras de terra que os seus lhe tinham confiado, tudo por água abaixo. Apoiou-se nos braços do cadeirão e ergueu-se de novo:

— É preciso tentar qualquer coisa.

O Dr. Seabra contou-lhe então a história do peixe que devorava um peixe mais pequeno e era por sua vez devorado pelo tubarão. A vida punha os homens a comerem-se uns aos outros. O mais forte vencia, e força, ali, significava dinheiro. Ninguém podia impedir a ruína da fábrica, da quinta.

Mariano Paulo interrompeu-o:

— Guarde as fábulas para outra altura. Vamos pensar no que se pode fazer.

O Dr. Seabra abanou a cabeça:

— Nada, já lhe disse. Insisto na mesma história. Suponha que o peixe procurava escapar-se ao tubarão. Muita pena, Mariano, mas não há memória dum tubarão menos prático que tenha deixado fugir o peixe, por piedade.

XXVII

O tempo corria, a fábrica desmantelava-se. Mariano Paulo despedira o pessoal quase todo:

— Contra vontade. Com pena deles e de mim.

A telha que saía ainda do forno era empilhada no alpendre à espera dos raros compradores que surgiam. Regateavam tanto que Mariano Paulo se via forçado a vender aos preços da Pampilhosa, às vezes mais barato, para apurar algum dinheiro. Contos de réis pela janela fora. Tinha de fechar a fábrica, desistir. O Dr. Seabra previra tudo aquilo com exactidão:

— Nada a fazer.

Mariano Paulo estava convencido. Mas começava a imaginar, acima das razões invocadas pelo amigo, outras razões mais poderosas. Talvez os responsáveis da sua ruína não fossem os homens. Esses apareciam apenas em campo como armas duma força maior. E a vida ia tomando para ele, dia a dia, as proporções dum combate contra o destino. Os homens não podiam levar tão longe a infelicidade alheia.

Confidenciava ao Dr. Seabra:

— Há famílias assim, votadas à destruição. Devia talvez cruzar os braços e deixar correr. Ser o cordeiro pacífico. Mas comigo o destino engana-se. Vou espernear até ao fim.

O médico ouvia-o, apreensivo. Lembrava a sombra do velho Paulo, praguejando pelo casarão, apoiado à bengala; via Hilário cada vez mais calado, mais azedo. E não tinha grandes ilusões sobre o que estava a acontecer com o amigo.

A ideia tentacular crescia, dominava as conversas, tornava--se o seu único tema. Mariano, perdendo a harmonia natural dos gestos, sacudido, os olhos incendiados, garantia:

— Espernear até ao último alento. Dar-lhe que fazer.

O Dr. Seabra tentava dissuadi-lo:

— Qual destino, qual carapuça. A verdade é que uns senhores da Pampilhosa fabricam a telha mais barata do que nós e uns senhores não sei donde atravessaram Corrocovo com uma estrada nova. Fecha-se a fábrica porque não se aguenta a concorrência. O resto não tem pés nem cabeça. O que você precisa é de repouso, de calmantes.

Mariano sorria:

— Que diabo, não seja tão ingénuo.

E de súbito, olhava para os cantos, baixava a voz, como se alguém o vigiasse:

— Sei que estou perdido. Mas a telha, a fábrica, a estrada, não são chamadas para aqui. A ratoeira é outra. Uma praga antiga, uma maldição que vem de longe. Há muito que os Paulos foram condenados. Para pagar agora.

Entretanto, a rigidez da face crescia. As rugas, vincadas por um traço mais firme, sossegavam até lembrar os golpes duma enxó nas imagens de madeira dura. Os olhos apagavam--se, pouco a pouco. E ele, inexpressivo, sem uma contracção, perdia-se nesse mundo que girava incansavelmente em torno do mesmo eixo, da mesma ideia fixa:

— Estive a pensar no Guimarães. Não posso ir a Corgos desancá-lo como prometi. Não odeio ninguém. Os que se ergueram contra mim foram mandados sem o saber; nada tenho com eles; as minhas contas são outras.

A face morta, a obsessão:

— O destino, sim. Há-de levar-me tudo: a família, os amigos, a quinta. Mas preparei-lhe uma surpresa. Não sou homem para ajoelhar, para pedir misericórdia.

A saliva enchia-lhe a boca, borbulhava entre os lábios:

— Que tem o Guimarães com isto? Pobre Guimarães, pobres fabricantes de telha.

Maria dos Anjos andava alarmada:

— Não fala doutra coisa. Passa as noites em claro, não tolera nenhum barulho. Mandou Firmino recolher o gado na fábrica porque o mugido dos bois o irritava. Mal aguenta a zoada das rãs. Senta-se, finca os cotovelos na mesa, tapa os ouvidos. Nunca o vi assim.

O Dr. Seabra franzia a testa. Uma crise passageira? Não. A doença lavrava a fundo. E resolveu tratar do caso com Hilário.

Foi encontrá-lo na fábrica. Pessoal reduzido a dois homens. Junto às vigas de pinho, que seguravam o telhado, montes de palha e erva. Rações do gado trazido para ali quando a noite chegava.

Os dois trabalhadores acendiam o forno, falavam das festas à Senhora da Lagoa. Corria que o Bispo Conde tinha proibido o arraial. Desolação em Corrocovo. A festa à porta e a notícia sem desmentido. Que mal havia se viessem ao largo ouvir a banda de S. Caetano, dançar em volta do coreto? Os

mordomos tinham procurado o padre Alípio. Corrocovo queria arraial, foguetes pela noite fora, baile, amansar as raparigas nas barracas dos rebuçados, dos refrescos.

O Dr. Seabra expôs a Hilário o estado de Mariano Paulo. Com franqueza, quase com brutalidade:

— Ou o levamos a um especialista, ou temo-lo bom para um colete de forças. Lembra-te do teu avô.

— Quando quiser, doutor. Mas já agora, se não vê inconveniente, deixa-se passar esta trapalhada da festa.

— Em minha opinião, quanto mais depressa melhor.

Hilário indicou-lhe os homens à boca do forno:

— E isto? Também é urgente acabar com isto. Sempre houve alguma coisa em que tive razão.

— Não mudes de conversa.

Hilário serenou:

— Quanto ao pai, ponho o assunto nas suas mãos. Não quero que me culpem de nada que possa acontecer.

Saíram, subindo a rampa, lado a lado. Atravessaram o pátio e, à porta do casarão, o Dr. Seabra pediu-lhe:

— Não apareças. Vou tentar convencê-lo.

Mariano, sentado perto da janela, tinha-os visto subir e disse quando o amigo entrou:

— Esteve na fábrica, já sei. Tudo ao desmazelo, ao abandono. Fecha-se qualquer dia.

Estendeu o braço para a quinta. A mão fechada. Um dedo apenas, hirto, a apontar:

— Não me venha com argumentos de criança. Os homens da Pampilhosa, o Guimarães, têm tanto a ver com isto como o Papa, que está em Roma a abençoar-nos.

O Dr. Seabra atalhou-o:

— Oiça, Mariano, você anda cansado. E a saúde é como um relógio, convém afiná-la de vez em quando. Escreve-se a um especialista e aparecemos por lá.

Mariano espantou-se:

— Impossível sair daqui. Tenho de estar presente. A hora aproxima-se, a passos largos.

Não se aproxima. Já chegou. E o Dr. Seabra, sem querer, alteou a voz, gritou-lhe:

— É preciso irmos, compreende?

Mas ele vagueava por longe:

— Ir aonde?

Fechou os olhos, fez um esforço de concentração. Maxilares cerrados, cabeça encostada ao espaldar da cadeira:

— Aonde?

Então, um sorriso breve, doloroso, iluminou-o:

— Um médico, não é? Valha-nos Deus, doutor. Nunca tive tanta saúde.

E acrescentou:

— Tudo foi escrito há séculos, letra a letra. O bom e o mau. A sua amizade também. Cá fico à espera do que falta, do pior com certeza. Mas não me entrego de mãos amarradas. Isso não.

A maldição dos Paulos, a névoa dum precipício sobre a profundidade desconhecida. Insistir, para quê?

O Dr. Seabra desceu ao pátio, onde Hilário o esperava. Tirou do bolso as mortalhas, o tabaco, e enrolou vagarosamente um cigarro:

— Julgo que acordámos tarde.

XXVIII

Nossa Senhora da Lagoa treme, coberta de tule. Os quatro homens que aguentam o andor sobem a duna aos solavancos. A banda de S. Caetano toca uma marcha arrastada; as mulheres, vestidas de negro, entoam ladainhas; e por toda a parte o povo levanta o último pó do outono. O cheiro a pólvora excita a multidão. Debaixo do pálio, o padre Alípio passa o lenço no rosto suado, quebra por momentos a solenidade que o reveste.

A loja do Miranda enche-se de jornaleiros. Emborcam o carrascão para refrescar. Discutem a noitada, de copo na mão, limpam os beiços arroxeados. Sempre terão coreto, baile, foguetes de lágrimas. Os mordomos pagaram a licença especial e o Bispo Conde transigiu.

O Miranda ajuda o marçano a dar vazão à freguesia. Tirou a andaina de cheviote e vestiu o guarda-pó em cima da camisa. De manga arregaçada, lava os copos na selha, aperta as torneiras dos cascos.

A vida direita como um fuso. Não pensa agora nos negócios do adubo, na panela de libras. Preocupações mais imediatas. De quando em quando, num olhar rápido à gaveta, calcula a receita da noite.

A vida direita como um fuso. A estrada nova, aberta de Corgos para Corrocovo, foi a última sopa que lhe caiu no mel. O comércio rende como nunca e o Miranda aproveita a onda. Não é preciso ir à bruxa. Das duas uma: ou acaba presidente da junta de freguesia ou dono dum armazém em Corgos. Os jornaleiros bebem mais um copo. A sede é muita, já se vê.

E nisto, a procissão aproxima-se da loja. O Miranda despe o guarda-pó, puxa uma orelha ao marçano:

— Olho na gaveta. A gaveta, rapaz, é sagrada.

Ajusta os suspensórios, enfia o casaco assertoado, e vem à porta ajoelhar diante da Senhora e do pálio.

A procissão continua através da aldeia. O dia quente asfixia. Um cerco de nuvens pesadas fecha o horizonte. Cantilenas à Virgem enchem Corrocovo. No alto há uma ameaça à espera. E, de repente, a tarde abre-se em água.

O povo dispersa, procurando o abrigo das árvores, das portas. A banda, o pálio e os homens do andor mantêm-se a pé firme. Por enquanto. Mas a chuva aperta, exagera. E o padre Alípio, com a água a trespassá-lo da sobrepeliz à camisola interior, dá ordem de retirada:

— Corta-se um bocado ao percurso. Toca para a capela. A direito e depressa.

Nossa Senhora da Lagoa apara na terra o dilúvio dos seus reinos. Quatro homens arquejam aos varais. A santa pesa, ainda assim.

Pelo crepúsculo, a chuvada esmorece; um vento breve limpa as últimas nuvens; e a noitada faz-se às estrelas.

Lobisomem vem da lagoa ver o fogo, os foguetes a abrirem-se em lágrimas de lume, azuis, vermelhas, amarelas. Apetece

dar palmas. Basta dizer que as estrelas cadentes, bem bonitas, são só duma cor. Está tudo dito. Passa a noite no rebate da sacristia, de boca aberta, maravilhado. Mas a boca aberta tem inconvenientes. Por exemplo, a garganta cheia de terriça exige um copo ou dois. Levanta-se e aparece à porta do Miranda. Talvez dêem por ele. E realmente dão. O Basílio propõe-lhe:

— Um copo, avô?

— Nem se pergunta.

Primeiro, o vinho emperra na garganta; pó e saliva encaroçados; depois, lá remove o cuspo duro e gorgoleja como um garrafão de pernas para o ar. A língua de Lobisomem estala no céu da boca e o Basílio pergunta-lhe:

— Outro?

Morra quem se nega. Bebe-o devagar, em pequenas goladas. Agora a garganta está limpa. Mas no poupar é que vai o ganho. Basílio entrega uma moeda ao Miranda e o Miranda atira-lhe o troco, de má cara. Não gosta de trocos. Sempre é dinheiro que sai da gaveta. Infelizmente.

Cá fora, mais foguetes, a festa a florir sobre Corrocovo. Lobisomem senta-se no mesmo sítio. Calor, estômago confortado. Ajeita a perna esmagada pela dorna, trilha o cacete no sovaco. E o sono, onde é que ele anda? Vem ou não vem? Que venha. Tem homem para o receber.

À meia-noite, a banda de S. Caetano sobe ao coreto. A música alegra o coração: as raparigas abandonam as barracas, os refrescos, as bebidas doces, e vêm postar-se à beira do palanque; os rapazes chegam-se também; e o primeiro par rompe no areal. A seguir, outro. E outros. Não se podem contar. O mestre avança com decisão no reportório, o baile aquece.

Basílio enlaça Guilhermina. Tornam a dançar. Com os seus cabelos loiros, o seu riso a crescer lentamente, a rapariga é um favo de mel. Chega um homem a esquecer-se que está na rua com mil olhos em cima. Força, malta do coreto. Porrada nesse bombo, músicos dum raio.

Basílio segreda-lhe ao ouvido:

— Vamos ao que importa.

Hilário, perto deles, tenta ganhar coragem para o afastar da rapariga. Como? Ora, pegar-lhe por um braço: põe-te a andar ou levas das que os cães enjeitam. Talvez não. S. Pedro, a égua à desfilada, Firmino, o Catrouxo, são maus antecedentes. O baile entontece-o. Figuras desfeitas pelo movimento, cabelos de mulher no ar. Meia dúzia de cálices de aguardente antes de sair de casa. Tudo escuro, agressivo: jornaleiros, música, poeira. Basílio e Guilhermina deixam de dançar. Vê-os de braço dado atravessar o arraial e segue-os. Sabe para o que vão. Agora ou nunca. As gargalhadas da rapariga, o passado a explodir, a amargura que se torna selvagem? Que importância tem isso? Bate ferozmente. A égua, um homem, tanto faz. É fácil, afinal. A pedra, bem segura na mão, rasga-lhe os dedos, quase lhos descarna; mas consegue atingir a cabeça de Basílio e o outro, quando cai, é uma fonte de sangue. O baile desfaz-se. Firmino surge de cacete na mão:

— Alguma novidade?

Homens torvos, quietos. Diz a Hilário:

— Vamos indo.

Guilhermina sumiu-se. Alguns camponeses levam Basílio, quase sem sentidos, à loja do Miranda. Deitam-lhe aguardente

nas feridas, atiram-lha pelas goelas abaixo. Parece melhorar e rosna qualquer coisa.

A festa recomeça. Hilário, ao cimo da ladeira, larga Firmino. Volta para trás.

— Veja lá, patrão.

Mas ele continua a descer. Deixá-lo ir. Basílio tem a sua conta, já ninguém lha tira. E Firmino regressa à quinta, descansado.

Hilário encosta-se ao coreto. Quer saber quanto pesa a coragem. Quanto custa. Neste mundo tudo tem peso e preço. Um suor gordo corre-lhe na espinha, gela-o. A mão escalavrada começa a doer-lhe. Cerca-o a festa, o mundo turvo dos bêbedos, das fêmeas, do cio, caldeado num pobre temor religioso. Treme a cada olhar que lhe deitam. A ternura não existe de graça, é preciso consegui-la à força, magoar, bater. Mas valerá a pena? A primeira gota de abandono. O veneno encharca-o pouco a pouco e o simples facto de viver transforma-se em repugnância física. Está nu diante de si mesmo. Escusa de fingir. E antes que o suor o petrifique ou o medo lhe dê volta ao estômago e o faça vomitar, abala para casa.

As luzes do largo ocultas pelas árvores, o céu já sem estrelas, a madrugada ainda distante, rodeiam-no de treva. Apressa o passo, transpõe o portão. E nunca mais saberá como a água turva de que é feito se perdeu no mar. Uma dor fulgurante detém-no por segundos; e oscila, ajoelha, sem consciência de nada.

De manhã, os trabalhadores da quinta encontram-no ainda com a enxada que o matou enterrada de alto a baixo na cabeça.

XXIX

O casarão, a duna, parecem sepultados em cinza. Névoa rala como o luar.

Mariano Paulo destapa os ouvidos. A toada das rãs continua. De quando em quando, a cantilena decresce até se extinguir. Intervalos de silêncio extremo. A luz dos círios dilui-se no longo corredor, mal chega ao quarto. Só. O luar de Corrocovo é sujo, pardo.

Na sala, o Dr. Seabra, Firmino, Maria dos Anjos, Palmira Taipa e Lobisomem velam o corpo de Hilário. Hilário, de mãos no peito, entre os círios que se derretem. Os jornaleiros desfilaram diante dele, benzendo-se, arrastando os tamancos num andar grave mas ruidoso, e foram-se quando Maria dos Anjos lhes disse que Mariano Paulo precisava de paz:

— Voltem amanhã. O enterro é ao fim da tarde.

Passos no corredor. O Dr. Seabra aparece à porta do quarto:

— Então, Mariano?

Responde, e é a primeira vez que fala ao fim de muitas horas:

— Nada.

O Dr. Seabra aconselha-o:

— Deite-se e veja se adormece.

Os passos do amigo afastam-se. Sente depois, lá para dentro, uma conversa murmurada, um sussurro à toa, em que a voz de Maria dos Anjos paira vagamente. E, ao lembrar-se dela, os projectos de casamento, as ilusões, fazem-no sorrir. Um sorriso difícil. Rugas penosas a contrair-se. Ao longe, há outra imagem de mulher, desfocada, sumida. Terá sido um sonho?

Se ao menos a desgraça ficasse por ali, mas não, não pode esperar nenhum milagre. Maria dos Anjos será lançada contra ele. Maria dos Anjos e os que restam: o Dr. Seabra, Firmino. Mais alguém? Vê Palmira Taipa entrar no casarão, subir à sala e atirar-se a chorar sobre o corpo de Hilário. Lobisomem também: o toiro, de lágrimas nos olhos. Rostos familiares mas breves. Fulguram um momento e começam já a regressar ao passado, a apagar-se.

Entorpecido na cadeira de lona, sem um gesto, nem sequer acendeu o cigarro, que a saliva, os dentes, lhe desfizeram ao canto da boca.

Basílio? Claro que não pode odiá-lo. Foi atirado ao jogo como o Guimarães e os homens da Pampilhosa. Mais um trunfo no momento exacto. Apenas isso.

Quando a manhã romper por fim desta última noite, virá o médico da Câmara fazer a autópsia a Hilário, retalhar um Paulo como quem desventra uma rês. O destino a cumprir-se, sem piedade, com o seu relógio sempre certo.

Repisa ainda uma vez o plano que tanto macerou nos últimos meses: a lenha da cozinha, as latas de petróleo que Maria dos Anjos guarda na despensa, a palha dos currais, os fósforos.

E imagina o resto: chamas a crescer dos dois lados do pátio, a devorar a casa, a adega, as tulhas, a nogueira plantada por Silvério Coxo, fundador da quinta.

Perde a noção do tempo, um fluir vagaroso de momentos entre o toar das rãs, parecido com o próprio silêncio. Mas a janela começa a clarear foscamente. E ele descobre então que a manhã se aproxima, que é preciso levantar-se da cadeira de lona e dar os poucos passos que faltam.

Desce ao rés-do-chão, pé ante pé, como os ladrões ou as crianças, receoso de o ouvirem na sala onde Hilário repousa.

Abre a despensa e pega na primeira lata de petróleo. Tem de alcançar a sua vitória sobre o destino antes que o dia nasça e o médico da Câmara chegue a Corrocovo.

OBRAS DE
CARLOS DE OLIVEIRA

publicadas

Finisterra

Uma Abelha na Chuva

Trabalho Poético

O Aprendiz de Feiticeiro

Casa na Duna

a publicar

Pequenos Burgueses

PAGINAÇÃO: RITA LYNCE
REVISÃO: LUIS MANUEL GASPAR

TIRAGEM: 3000 EXEMPLARES
DEPÓSITO LEGAL: 212296/04

IMPRESSO NA
GUIDE – ARTES GRÁFICAS, LDA.
RUA HERÓIS DE CHAIMITE, 14, 2675-374 ODIVELAS

Language	Portuguese
Author	Oliveira, Carlos
Title	Casa na duna
Type	Fiction
ID Code	
ISBN	9723709643

208

KP-961-189

obras de Carlos de Oliveira

ISBN 972-37-0964-3
9 789723 709643